



Revolução sul-rio-grandense de 1923: registros imagéticos

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

104



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Revolução sul-rio- grandense de 1923: registros imagéticos



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Revolução sul-rio-grandense de 1923: registros imagéticos



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSELHO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Revolução sul-rio-grandense de 1923: registros imagéticos
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 104
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Maio de 2025

ISBN – 978-65-5306-037-1

CAPA: O MALHO. Rio de Janeiro, 3 fev. 1923.

Sobre o autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

SUMÁRIO

Os rebeldes de 1923 e o *Álbum dos bandoleiros* / 11

Imagens caricaturais da Revolução de 1923 na revista *O Malho* / 109

Os rebeldes de 1923 e o *Álbum dos bandoleiros*

Na virada de 1923 para 1924, buscou-se plasmar identidades para os revolucionários que pegaram em armas para combater mais uma reeleição de Borges de Medeiros, que dava prosseguimento ao projeto castilhistaborgista de perpetuação no poder. Para tanto foi editado o *Álbum dos bandoleiros*, que lançava mão do recurso fotográfico no sentido de identificar junto aos sul-rio-grandenses, aqueles que teriam lutado pela liberdade contra aquilo que denominavam como tirania e que dominava o contexto gaúcho por décadas. A ideia geral da publicação era não só apresentar os rebeldes para os seus coetâneos, como garantir a continuidade do reconhecimento do papel dos mesmos entre as gerações futuras, visando assim a uma intervenção em relação à memória social sul-rio-grandense.

A fotografia como instrumento para exercer influência junto à memória coletiva leva em conta que o passado pode tornar-se lembrado e entendido em sua relação com a vida e a cultura¹. Tal processo advém da perspectiva pela qual o processo da memória no ser humano faz intervir não só na ordenação de vestígios,

¹ THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 78-79.

mas também na releitura desses vestígios², acompanhada de uma busca de interação entre o passado e o presente, na qual as ações dos indivíduos daquele venham a fazer sentido para este tempo. Origina-se a partir daí, uma renovação e afirmação do passado, tendo em vista que a memória está sempre em evolução, permanecendo também sujeita à dialética da lembrança e do esquecimento, de modo que às vezes fica latente por longos períodos, depois desperta subitamente³. Nesse quadro, o atributo mais imediato da memória é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao tempo que muda, às rupturas que são o destino de toda vida humana. Em síntese, a memória é um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros⁴. Nessa linha, a própria memória coletiva, como designativa de caráter social da construção da memória humana, remete ao sentido da identidade de grupos⁵.

O uso da fotografia em sentido memorialístico vem ao encontro da perspectiva de que a memória também carrega em si um trabalho de reconhecimento

² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 424.

³ NORA, Pierre, citado por: HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 13.

⁴ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 94-95.

⁵ DUARTE, Luiz Fernando Dias. Memória social. In: SILVA, Benedito (coord). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 740.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

da imagem, o qual aciona não só as propriedades elementares do sistema visual, mas também capacidades de codificação já bastante abstratas, de modo que reconhecer não é constatar uma similitude ponto a ponto e sim achar invariantes da visão, já estruturados, para alguns, como espécies de grandes formas. Assim, o instrumento de rememoração através da imagem leva em conta o memorizável que esquematiza aspectos cognitivos e didáticos⁶.

Em seu conteúdo, as fotografias mostram o passado, ou pelo menos aquelas frações do real visível de outrora, que foram selecionadas para os devidos registros, como recortes da primeira realidade na dimensão da vida. Tal fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes e do fato social⁷. Os retratos fotográficos aparecem assim como meio de representação social e de fixação da memória e também como meio de documento e instrumento de divulgação. Para tal registro pode ser estabelecida uma coletânea de imagens agrupada em álbuns, através dos quais se recuperam as narrativas de vida construídas em sequências de imagens, edificando uma memória⁸.

⁶ AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993. p. 82-84.

⁷ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 152 e 155.

⁸ KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002. p. 44.

Nessa linha, fotografia e memória se confundem entre si, uma vez que por meio dos álbuns, o indivíduo rememora suas próprias histórias de vida, já que a foto funciona nas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança de um certo momento e situação, congelados contra a marcha do tempo⁹. Dessa maneira, a imagem fotográfica exposta entra no terreno da reconstrução histórica e do estabelecimento de memórias, uma vez que, ao ser apresentada em conjuntos temáticos, por meio de uma certa lógica, cria-se um espaço de representação e legitimação¹⁰.

Particularmente no que tange ao *Álbum dos bandoleiros*, a intenção de intervir na memória coletiva era associada à perspectiva de que a fotografia era transformada em instrumento de propaganda, vindo a incidir de vários modos no imaginário social¹¹. A ideia era demonstrar aquilo que era considerado como o valor dos indivíduos que pegaram em armas para lutar contra o borgismo, estabelecendo-se um processo de busca pela heroização dos mesmos. Para tanto, os registros fotográficos serviam como narrações estruturadas simbolicamente e relacionadas com determinadas situações reais, de modo a instituir formas privilegiadas de ação, cuja “verdade” seria a própria narração

⁹ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 132 e 136-137.

¹⁰ KRAUSS, Rosalind. *O fotográfico*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002. p. 43.

¹¹ FABRIS, Annateresa. As invenções da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 24-25.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

fundamenta¹². Nesse sentido, a intenção é despertar o interesse pelos propalados heróis, a partir de uma indispensabilidade da liderança em toda vida social e em todas as formas de organização social. Esses supostos heróis surgem não somente como símbolos conspícuos do Estado, mas também na condição de centros de responsabilidade, decisão e ação, levando em conta uma penetrante influência da liderança na vida das populações¹³. Desse modo, a figura heroica torna-se um símbolo da coletividade, constituindo um valor intocável e ambíguo, de modo que se tornaria necessário preservá-la em nome da nacionalidade que simboliza e glorifica¹⁴.

Ao adotar a identificação de “bandoleiros” para denominar o seu “álbum”, os rebeldes buscavam reverter a alcunha que pejorativamente receberam dos borgistas, assimilando-a e modificando seu significado, de qualificativo negativo para positivo. Intentavam assim repetir o que fizeram os revolucionários de 1893, que receberam a pecha de maragatos, sob a acusação de que em suas hostes havia muitos mercenários estrangeiros, incorporando tal denominação e buscando transformá-la em sinônimo de lutadores pela liberdade. A partir de tal perspectiva, incorria-se em uma visão romantizada da figura do “bandoleiro”, em uma referência à idealização de “românticos matreiros do

¹² BONAZZI, Tiziano. Mito político. In: BOBBIO, Norberto et al (dir.). *Dicionário de Política*. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992. p. 759.

¹³ HOOK, Sidney. *O herói na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962. p. 11-12.

¹⁴ MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1991. p. 12-13.

pampa”, montados a cavalo e combativos ao poder, fazendo “gala de valentia, num panachê gauchesco dos derradeiros tauras da campanha rio-grandense”¹⁵.

A ideia projetada era a de valorizar o papel dos rebeldes, que teriam se entregado a uma causa, buscando impressionar a seus contemporâneos a partir de um certo grau de importância, assim como a seus sucessores mais jovens, visando a ampliar o esclarecimento e a compreensão de suas propostas¹⁶. A proposta era a de divulgar os promotores da rebeldia e a consciência política por eles adquirida, demarcando-se assim uma espécie de ritual revolucionário¹⁷. Assim, ao organizar as imagens fotográficas no formato de um álbum, os realizadores do movimento rebelde pretenderam mover um esforço mais bem elaborado e organizado na difusão e construção de uma nova visão sobre quem eram os “bandoleiros” e o que teria sido a Revolução de 1923. Tal formato trazia consigo um componente de perpetuação de uma memória e releitura dos acontecimentos de 1923¹⁸.

A publicação do *Álbum* foi uma iniciativa editorial da *Kodak*, pioneira no ramo das revistas ilustradas no âmbito sul-rio-grandense. Nesse sentido,

¹⁵ DORNELLES, Sejanos. *Os últimos bandoleiros a cavalo*. Caxias do Sul: EDUCS, 1991. p. 14.

¹⁶ HOBBSAWM, Eric J. *Revolucionários*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 12.

¹⁷ HOBBSAWM, Eric J. *Rebeldes primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p. 13 e 19.

¹⁸ FORNO. Rodrigo dal. *O “Álbum dos bandoleiros” da Revolução de 1923: uma análise de política e imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920*. Porto Alegre: UFRGS, 2015. p. 42-43. (Dissertação de Mestrado)

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

ela correspondia ao projeto de renovação geral no perfil das publicações periódicas, que respondiam ao mesmo tempo a uma demanda mais qualificada e se habilitavam a atender aos grandes anunciantes. Sua edição iniciou no ano de 1912, em Porto Alegre, tratando-se de um quinzenário que lançou a reportagem social ilustrada e o noticiário de variedades no Estado, tendo modernizado as práticas jornalísticas de então em tal contexto, fosse pela sua qualidade gráfica, rica em material fotográfico, fosse pela sua linha editorial aberta às tendências comportamentais do mundo moderno¹⁹.

Após algumas interrupções em sua circulação, na virada de 1923 para 1924, a *Kodak* tratava de uma retomada de suas edições, tanto que, nas últimas páginas do próprio *Álbum dos bandoleiros*, anunciava um ressurgimento. Em relação a esse novo aparecimento, os editores informavam que ela estaria revivendo para a vida da cidade a sua crônica de arte, de sociedade e de mundanismo. Desse modo, pretendia que o registro contador do fato servisse para carregar suas matérias das proporções de realidade, e, segundo tal concepção, por conseguinte, da substância da verdade dos fatos. Pretendia assim ser uma difundidora da verdade, em um magnífico e laborioso esforço de finalidades úteis.

Na abertura do *Álbum*, era expresso o segmento “O nosso depoimento”, como uma justificativa da narrativa visual que se propunha a trazer a versão rebelde para a conjuntura histórica recente que levava ao movimento revolucionário. A busca pela legitimação da causa revolucionária, bem como a perspectiva de que ela

¹⁹ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 66-67 e 71.

contara com o apoio da população ficavam demarcadas em tal segmento:

E a revolução irrompeu violenta como os vendavais do pampa.

De norte a sul, de leste a oeste, os homens do Rio Grande, heroicos como os maiores da velha Esparta, abandonaram seus lares até então vividos em doce calma, para correrem pelo dorso das coxilhas, empunhando a sacrossanta bandeira da liberdade, que sempre foi o seu maior ideal.

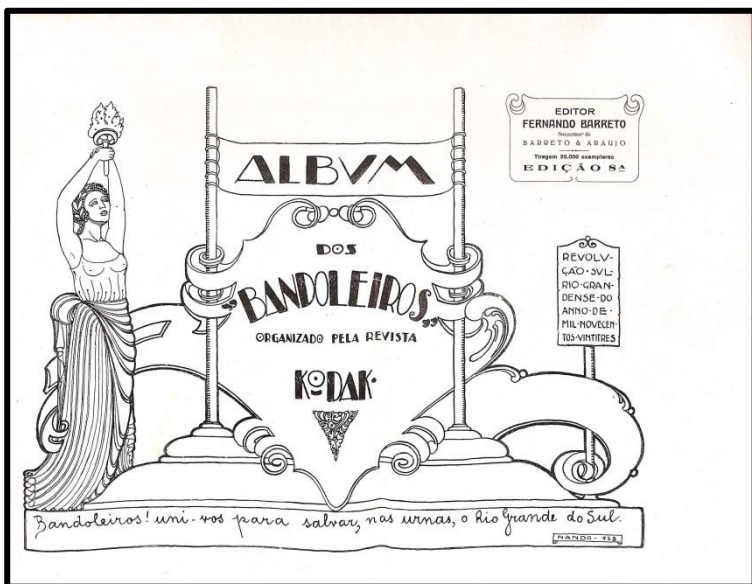
O governo da República não podia assistir impassível à luta de irmãos que se travara. O governo usurpador, por sua vez, não tinha elementos hábeis para dominá-lo. E a revolução que era a causa do Rio Grande em peso, ia absorvendo palmo a palmo o território do Estado. Os seus chefes, invadindo as vilas e cidades, eram aclamados pela multidão delirante que os cobria de flores e outras manifestações inequívocas do grande apreço que as populações dispensavam à causa redentora. (...)

Deixamos assim consignada no *Álbum dos bandoleiros* a demonstração documentada para história no futuro, de como o gaúcho rio-grandense não perdeu da garupa de sua cavalgada, na grande travessia dos tempos, aquela bagagem honrosa, que fê-lo o centauro intrépido das coxilhas, tido e havido no passado, como a mais perfeita expressão do homem com todos os seus atributos de vida, força e admirável heroísmo – nobre pela nítida inteligência dos seus ideais de liberdade – sublime pelo atrevimento leal da sua audácia.

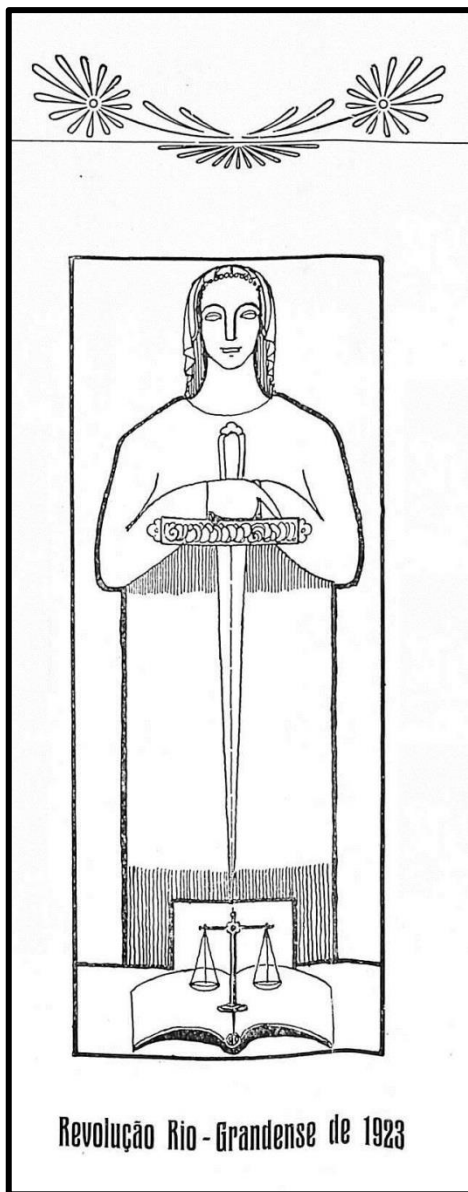
REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

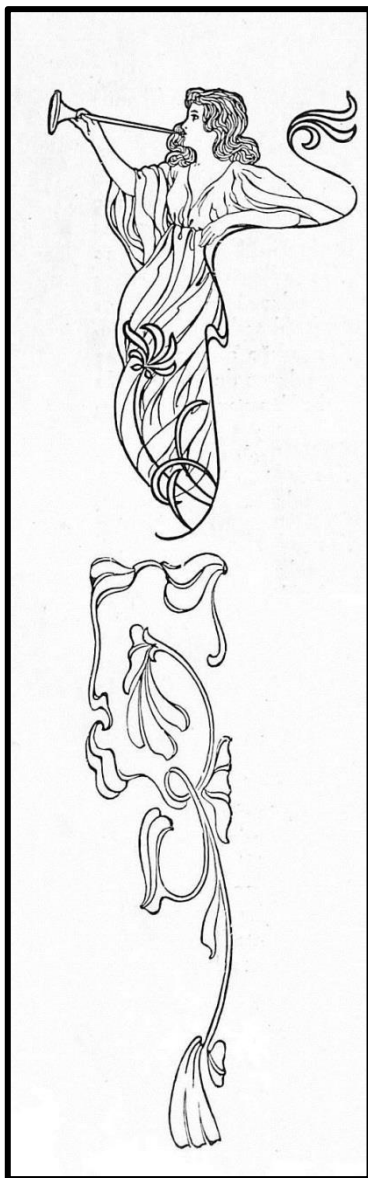
Nas primeiras ilustrações do *Álbum*, que não se tratavam de fotografias, sobressaía-se a figura feminina que historicamente vinha representando princípios como a liberdade, a revolução, a república e a justiça²⁰, bem de acordo com a perspectiva dos mantenedores do movimento e o escopo de legitimar sua luta. Nesse sentido, na capa, a alegoria feminil, vestida à romana, contando com os louros da vitória à cabeça, era orientada por uma estrela e carregava à mão esquerda a tocha da rebeldia e, à direita, o livro das leis, ao passo que, a seus pés, era estampado o mapa do Rio Grande do Sul, e alguns motivos bélicos, como canhões e um lanceiro, em alusão à guerra civil. Já na folha de rosto, a figura alegórica aparecia mais simplificada, sem deixar de erguer a flama revolucionária. Em acompanhamento aos retratos do maior líder revoltoso, Assis Brasil, e do emissário governamental e responsável pela pacificação, Setembrino de Carvalho, havia outra imagem feminina estilizada, esta amplamente associada ao princípio da justiça. Finalmente, no trecho em que era justificada a utilização do termo “bandoleiros”, havia um clichê de uma mulher que, por meio de uma trompa, anunciava aquilo que era considerado como uma boa nova, ou seja, aquilo que os rebeldes consideravam como a vitória sobre a tirania.

²⁰ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 96-97.



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS





REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

Um trecho de uma manifestação discursiva servia para que fosse justificada a utilização do termo “bandoleiro” para designar o título do álbum, bem de acordo com a intenção dos rebeldes de incorporar a palavra pejorativa com a qual os governistas os alcunharam:

Bandoleiros!

Assim os escribas ditatoriais chamavam a elite social do Estado, nobremente congraçada na tarefa ingente da redenção dos costumes políticos gaúchos e na garantia da liberdade algemada, havia 30 anos, pela carta de 14 de julho.

Realizaram tais escribas, a inversão significativa do vocábulo – porque tão distinta era a gente assim designada pelo cornetim infamante da ditadura (*A Federação*) que hoje, no Brasil, dizendo-se “bandoleiro” tem-se dito elite, escol, ou qualquer outro sinônimo de honrosa investidura.

Provam o nosso asserto as fotografias deste álbum.

Um dos destaques do *Álbum dos bandoleiros* foi a ênfase dada a algumas das lideranças do movimento rebelde, as quais receberam tratamento especial na posição de seus registros fotográficos, fosse no que tange à posição no conjunto da publicação, fosse pela presença solo na página. Esse foi o caso das fotografias de abertura, onde apareciam Joaquim Francisco de Assis Brasil e Fernando Setembrino de Carvalho tendo entre eles a alegoria feminina que representava a justiça, conforme já citado. O primeiro era o líder da Revolução de 1923, apresentado como “O Regenerador”, ou seja,

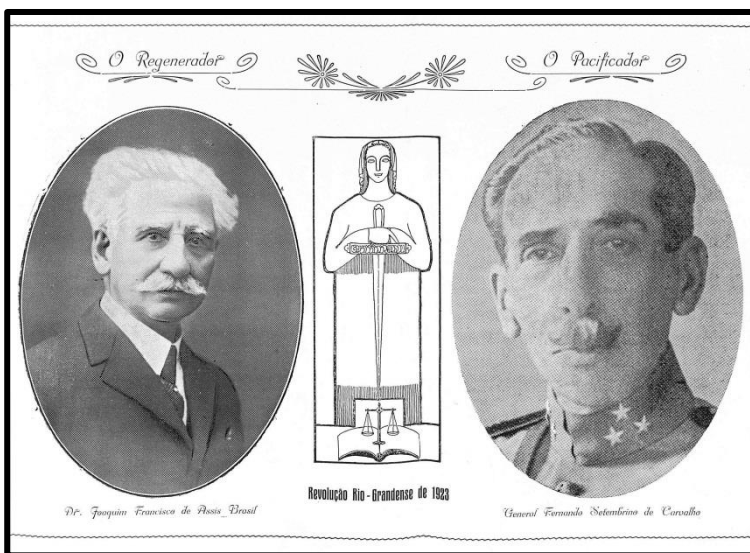
aquele que regenerava ou revivificava os caminhos da liberdade contra o regime autoritário. Já o outro era designado como “O Pacificador”, pois fora o principal responsável pelas articulações do governo federal no sentido de debelar a guerra civil no Rio Grande do Sul. Assis Brasil foi um republicano histórico que pertenceu ao grupo de Júlio de Castilhos, chegando a ser eleito deputado provincial, mas rompeu com tal chefe, vindo a integrar a dissidência republicana sul-rio-grandense; manteve-se certo tempo retirado da política estadual, servindo no corpo diplomático, para, mais tarde, reintegrar-se às disputas partidárias, participando da fundação do Partido Republicano Democrático e lançando-se às urnas em 1922, como candidato de oposição a Borges de Medeiros, cuja vitória desencadeou a revolta no ano seguinte²¹. O general Setembrino de Carvalho formou-se na Escola Militar e teve breve vida política junto ao grupo castilhista, atuando como congressista na constituinte gaúcha de 1891, retomando, posteriormente, a ação unicamente militar; por ocasião da Revolução Federalista, prestou serviços à legalidade; em 1894, rompeu com Júlio de Castilhos passando a integrar a dissidência; galgou carreira no meio castrense, chegando a general; participou de várias práticas intervencionistas do governo federal em diferentes Estados, até ser nomeado Ministro da Guerra no Governo Artur Bernardes, ficando com a missão da extinção do conflito bélico no Rio Grande do Sul em 1923²². Em seguida o *Álbum* trazia um verdadeiro

²¹ FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010. p. 28-29.

²² FRANCO, 2010. p. 54-55.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

“panteão” dos chefes revolucionários, destacados bem de acordo com a perspectiva da fixação de seus nomes e suas faces em meio à memória coletiva rio-grandense-do-sul, ao serem considerados como aqueles que estariam “honrando uma época da nossa geração”, aparecendo os registros fotográficos de várias lideranças militares e civis do movimento rebelde. Em mais um conjunto de fotos, eram apresentados outros chefes revolucionários, incluindo o mais ancião de todos eles, juntamente de uma movimentação militar identificada como “o alarme”. Aparecia ainda mais um grupo fotografado, composto de doze comandantes que posavam para o registro, sete deles em pé e cinco sentados, sendo identificados pelos seus respectivos nomes.



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

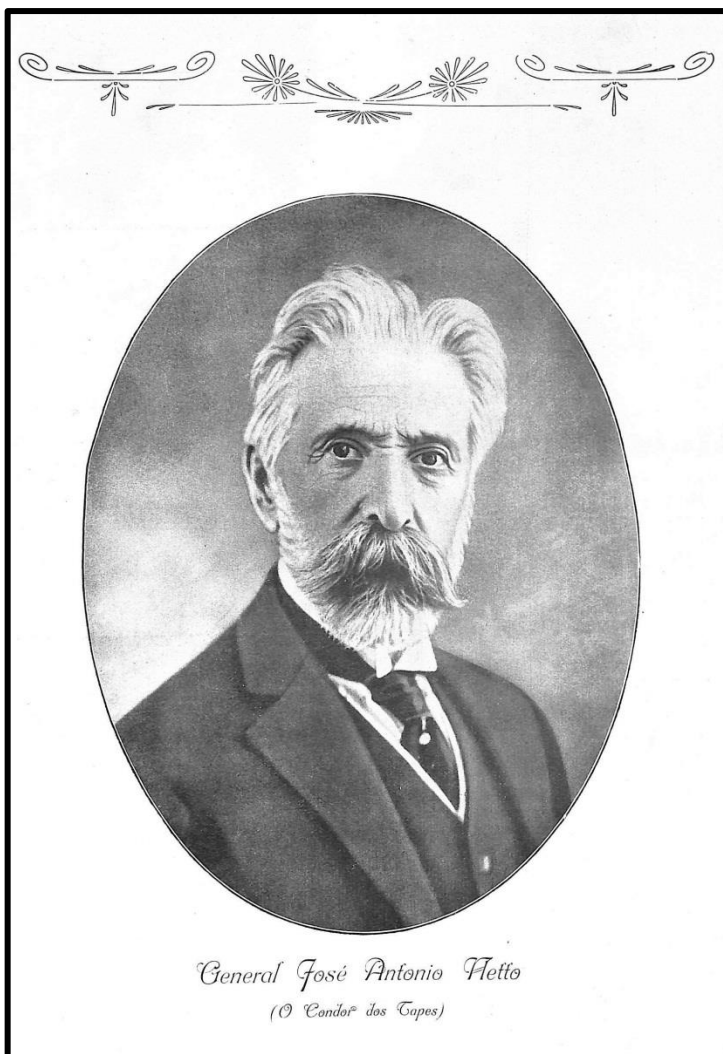


Um dos chefes militares que recebeu destaque especial foi o general José Antônio Netto, que trazia junto de sua apresentação uma das tradições em meio às lutas travadas no Rio Grande do Sul, com a associação de seu nome ao de um animal, de acordo com aquilo que era considerado como os seus “feitos” militares, tratando-se do “Condor dos Tapes”. Conhecido como Zeca Netto, desde cedo, se tornou adepto do republicanismo e foi aliado de Júlio de Castilhos, tendo participado da Revolução Federalista, ao defender a causa governista. Por indicação de Borges de Medeiros, assumiu a chefia do Partido Republicano a partir de 1902. Em 1907, com a formação de mais uma dissidência republicana, rompeu com o borgismo e, em 1923, teve importante atuação na liderança de tropas

revolucionárias. Nessa linha, empreendeu diversos combates em muitos pontos da zona sul gaúcha. Sua coluna era denominada 4ª Divisão do Exército Libertador, tendo ganhado fama pela rapidez de movimentos com que, em parte, supria a deficiência de material bélico. O auge de sua atuação deu-se com a tomada da cidade de Pelotas por várias horas, o que trouxe repercussão política extremamente favorável para a causa rebelde²³.

²³ FRANCO, 2010. p. 146-147.; e FERREIRA FILHO, Arthur. *Revoluções e caudilhos*. 3.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro - Editor, 1986. p. 103-105.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



O “Leão do Caverá”, em outra denominação de chefe identificado por uma característica do reino animal associada a uma determinada região do Estado, foi mais um dos militares enfatizados. Tratava-se do general Honório Lemes da Silva que, nos tempos monárquicos, pertenceu aos quadros do Partido Liberal e, com a mudança da forma de governo, viria a compor os grupos de oposição ao castilhismo, filiando-se ao Partido Federalista. A partir de tal postura, na guerra civil de 1893-1895, bateou-se pela causa revolucionária, em oposição e resistência armada aos sectários de Júlio de Castilhos. Durante o movimento de 1923, esteve mais uma vez ao lado dos rebeldes, no combate às forças de Borges de Medeiros. Em tal guerra, teve missão preponderante, ao conduzir uma série de guerrilhas ao longo da fronteira oeste do Estado, envolvendo localidades como Alegrete, Rosário do Sul, Quaraí, Uruguaiana, São Gabriel, Dom Pedrito e Santana do Livramento, além da região missioneira. Seu epíteto leonino adveio de tal campanha, uma vez que fazia parte da Serra do Caverá, o núcleo central de suas ações²⁴.

²⁴ FRANCO, 2010. p. 113-114.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

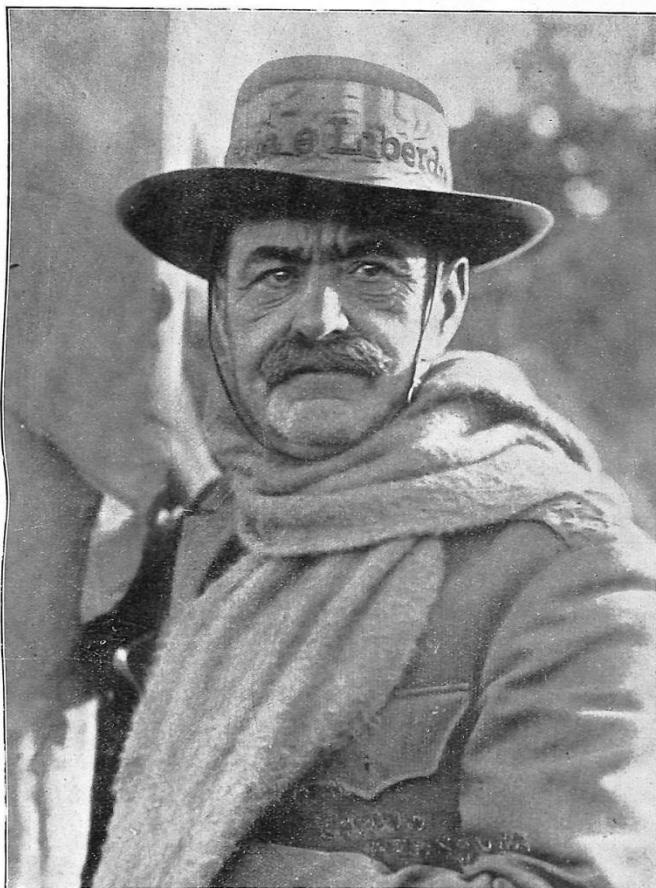


General Honório Lemes
(O Leão do Caverá)

Outro general rebelde que teve o seu registro solo em página do *Álbum dos bandoleiros* foi Estácio Xavier de Azambuja, que desempenhou um importante papel na vida comercial e política da zona sul do Rio Grande do Sul. Teve uma raiz republicana em sua ação política, mas acabou por aproximar-se de Gaspar Silveira Martins e, com a República, colocou-se ao lado deste contra as forças de Júlio de Castilhos, aproximando-se dos federalistas. A partir de tal postura, participou ao lado dos revolucionários na Revolução Federalista, chegando a compor o exército de Gumerindo Saraiva, que invadiu Santa Catarina, mas, ao contrário deste, não seguiu até o Paraná, retornando ao Rio Grande do Sul com as forças egressas da Revolta da Armada, intentando a invasão frustrada da cidade do Rio Grande. Depois disso, esteve internado na fronteira entre o Uruguai e o Brasil, sem deixar de participar de combates contra os castilhistas. Ao final da guerra civil de 1893-1895, manteve sua atividade político-partidária junto do Partido Federalista. Na Revolução de 1923 organizou uma força constituída por elementos de Bagé, São Gabriel, Dom Pedrito, Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Santa Maria, São Sepé e Herval, constituindo a 3ª Divisão do Exército Libertador. Chegou a tomar Caçapava do Sul e promoveu uma guerra de guerrilhas na zona sul gaúcha, estabelecendo inclusive contato com as forças lideradas por Zeca Netto²⁵.

²⁵ FRANCO, 2010. p. 31-32.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

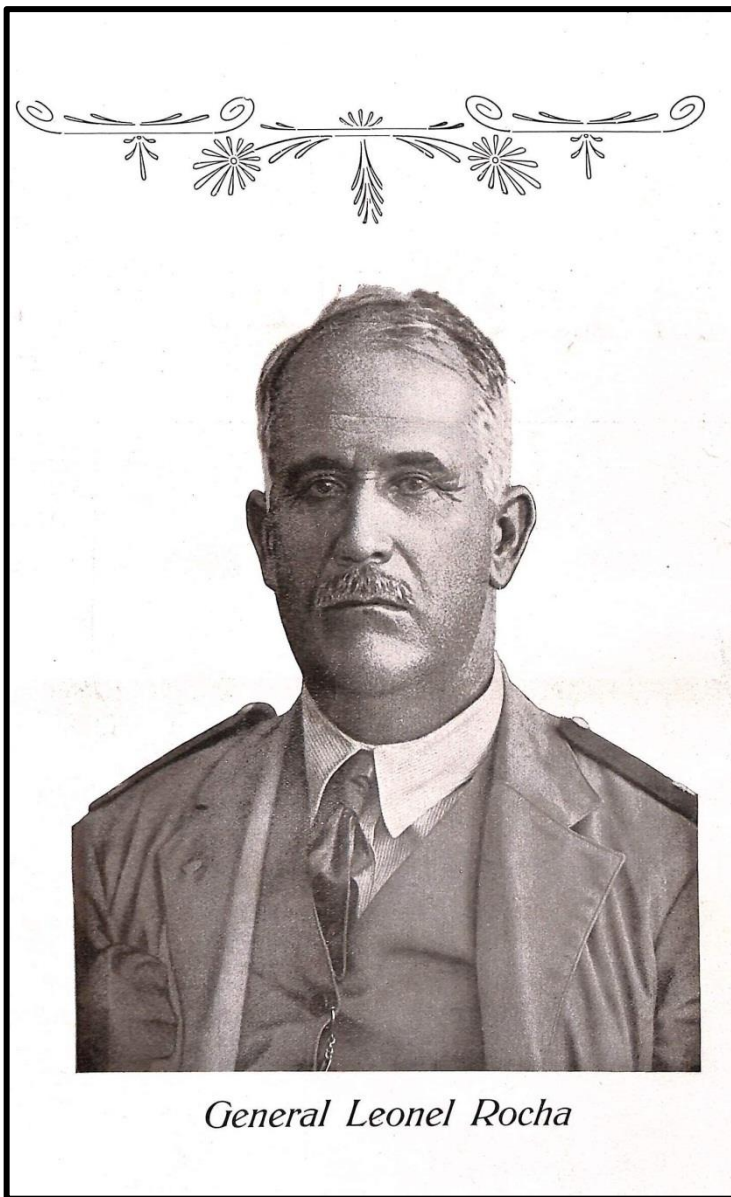


General Estacio Azambuja

Ainda teve destaque na publicação sobre a Revolução Sul-Rio-Grandense de 1923 o general Leonel Maria da Rocha, o qual participou da Revolução Federalista, defendendo a causa rebelde. Terminada a guerra civil, em 1895, tendo em vista a permanência dos ódios e paixões partidárias, teve de permanecer exilado por vários anos na Argentina. Já em 1923, engajou-se mais uma vez na rebelião antiborgista, comandando forças rebeldes na região norte do Estado, com o posto de general. Seu papel no movimento de 1923 foi manter aferrada à zona de Palmeira a maior e melhor parte da coluna do general Firmino de Paula e, mesmo tendo sido derrotado por diversas vezes, voltava sempre à arena da luta, manobrando com rapidez por entre as matas e rincões daquela região²⁶.

²⁶ FRANCO, 2010. p. 182.; e FERREIRA FILHO, 1986. p. 117-118.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

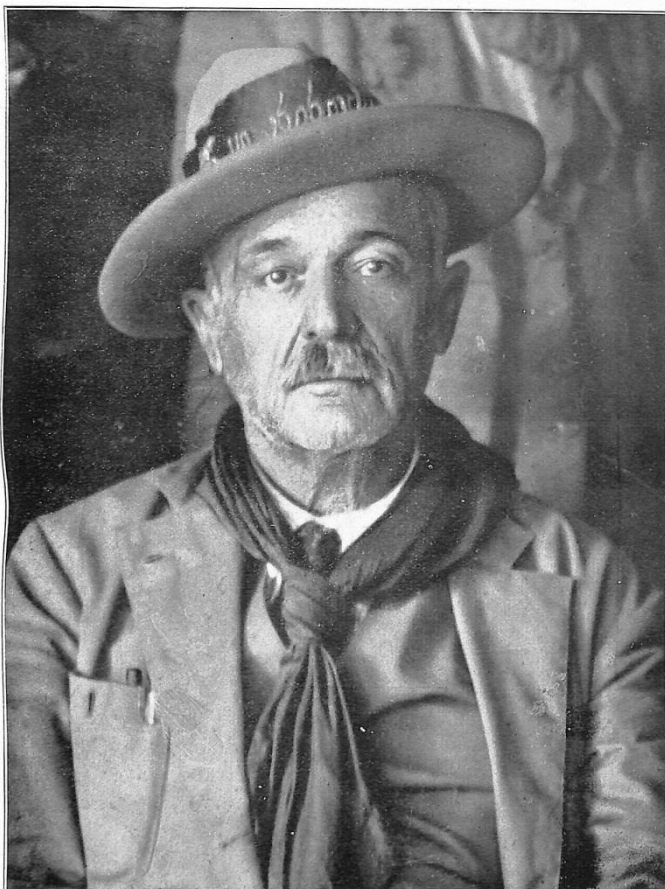


General Leonel Rocha

Ainda figurou dentre os destaques do *Álbum* o general Felipe Nery Portinho. À época imperial, ele esteve ligado ao Partido Liberal, iniciando sua carreira política em São Luiz Gonzaga. Ainda durante a Monarquia, serviu na Guarda Nacional e atuou como juiz municipal e delegado de polícia. Foi um dos signatários do manifesto que serviu como proclamação convocatória da Revolução Federalista, quando já aparecia com o posto de tenente-coronel. Teve uma destacada participação na guerra civil de 1893-1895, mantendo o posto de coronel do exército rebelde. Por ocasião do espocar da Revolução de 1923, não residia no Estado, mas, atendendo aos apelos de seus velhos companheiros da Revolução Federalista, seguiu para o teatro da luta, não obstante a idade já avançada. Nessa linha, veio a comandar as forças revolucionárias da zona norte do Estado, já com honras de general, tendo participado da ocupação de Erechim²⁷.

²⁷ FRANCO, 2010. p. 163-164.; e FERREIRA FILHO, 1986. p. 57-58.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

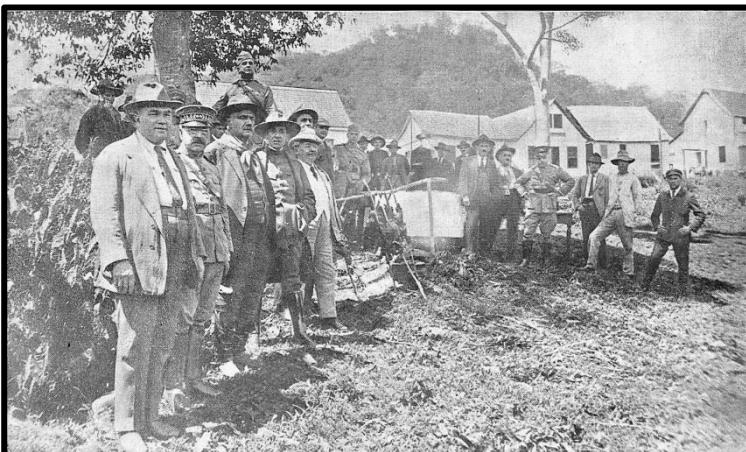


General Felipe Portinho

A presença do general Setembrino de Carvalho no Rio Grande do Sul e os vários passos em direção à pacificação foram tópicos abordados pelo *Álbum dos bandoleiros*. Foi o caso da fotografia em que o militar tivera uma conferência com o general Portinho, no Herval, estando todos a preparar-se para degustar um churrasco. Ainda foi publicada uma página especial denominada “O Ministro da Guerra através do Estado”, percorrendo localidades como Cachoeira, onde foi “escortado por um esquadrão de gentis ‘bandoleiras’”; em visita a um hospital na localidade de Santo Ângelo; e a chegada em Júlio de Castilhos. Também foi demarcada a sua estada na capital do Estado, com o registro de ampla mobilização popular. Os acertos realizados com líderes rebeldes na Conferência de Bagé também foram enfatizados. A edificação de Pedras Altas, denominada de “o castelo da paz” foi igualmente abordada, sendo trazidos “diversos aspectos da granja”, informando que ali “foi firmado o Tratado de 14 de dezembro”, na “propriedade do grande brasileiro, Dr. J. F. de Assis Brasil”. Outro detalhe registrado era o da assinatura da paz entre Setembrino de Carvalho e Assis Brasil, bem como o mesmo ato realizado por Borges de Medeiros, no Palácio do Governo, em Porto Alegre, ficando demarcada a derrocada do castilhismo-borgismo, com a indicação de que, naquele momento, “se rasgou a Constituição de 14 de Julho”, em alusão ao dispositivo constitucional que garantira a continuidade dos republicanos no poder. Apareceu ainda o banquete oferecido ao “pacificador” pelos “bandoleiros”. Ainda em relação à pacificação, foi divulgada a visita do Ministro da Guerra ao Herval e a Porto Alegre, além dos

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

retratos de Tavares Lira e João Becker, que antecederam Setembrino de Carvalho nas tentativas de paz.

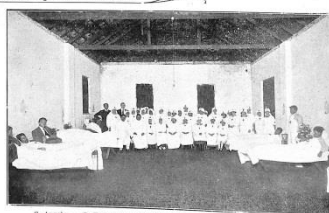


O Gal. Setembrino de Carvalho depois da conferência com o Gal. Portinho no Herval. O churrasco. Da esquerda para a direita: 1.º Deputado Nabuco, 2.º Gal. Paulo Assunção, 3.º Gal. Portinho, 4.º Gal. Setembrino.

O Ministro da Guerra através do Estado



Cachoeira — R. Bx.º Gal. Setembrino saudado por um esquadrão de cavalaria "bandeirista".



R. Angelo. — R. Bx.º visita o hospital da Cruz Vermelha em companhia do Cel. Lafayette Cruz.



J. de Castilhos. — A chegada de R. Bx.º



R. Angelo. — A saída de R. Bx.º do hospital

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A CHEGADA DO MINISTRO DA GUERRA



S. Exa. Ministro da Guerra chegando ao povo no dia de sua chegada a esta capital.



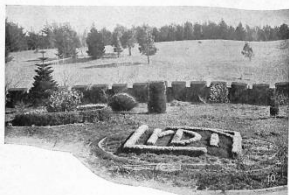
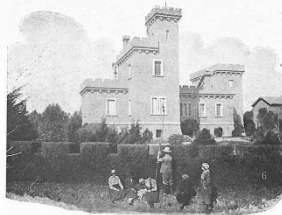
Chegada da força federal depois das lavouras acontecimento da dia 1.º de Setembro.



Milhares de pessoas defronte ao grande Hotel antes o arriarem S. Ex.



O CASTELLO DA PAZ



Diversos aspectos da grande de Pedras Altas, onde foi firmado o tratado de 14 de Setembro de 1911. Propriedade do grande proprietário, Dr. J. P. de Santa Branca.

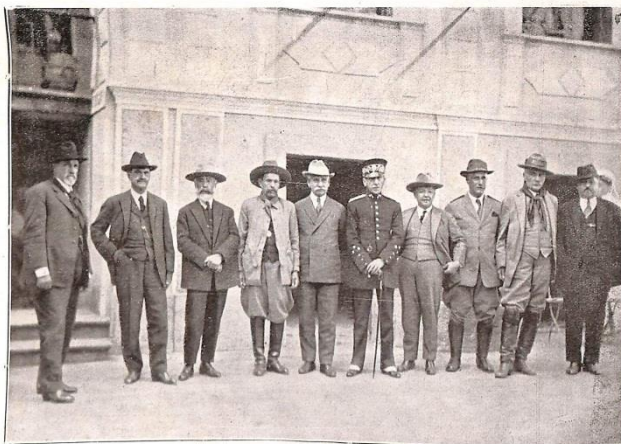


REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

CONFERENCIA DE BAGÉ



14. Setembro — Gal. Zeca Netto, Dr. Angelo Pinheiro Machado, Gal. Honorio Lemes, Gal. Fellipe Portinho, Gal. Lenel Rocha, Gal. João Rodrigues Menna Barreto, Cel. Chiquinho Pereira, Gal. Estacio Azambuja, Dr. Assis Brasil; de pé Cel. Lafayette Cruz — quadro historico da reunião effectuada no salão do Hotel do Commercio, em 14 de Novembro de 1923.

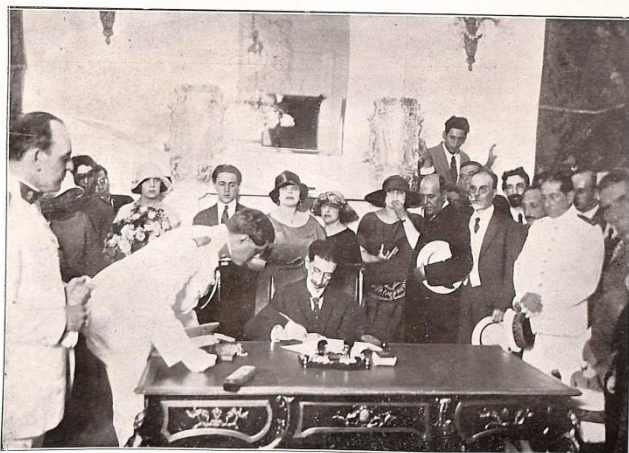


Pesando para a nossa objectiva, após a conferencia.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Pedras Altas — Assignatura da Paz

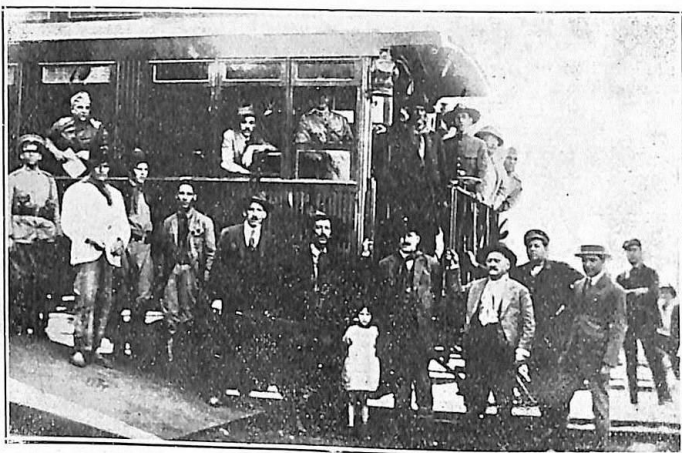


Assignatura da Paz em Porto Alegre no Palacio do Governo, onde se rasgou a Constituição de 14 de Julho.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS



Banquete oferecido pelos "Bandoleiros" a S. Ex. Snr. General Fernando Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, o pacificador do Rio Grande do Sul, no Magestic Hotel, em 19 de Dezembro de 1923.



O Ministro da Guerra despedindo-se no Herval, depois da conferencia com o Gal. Felipe Portinho.



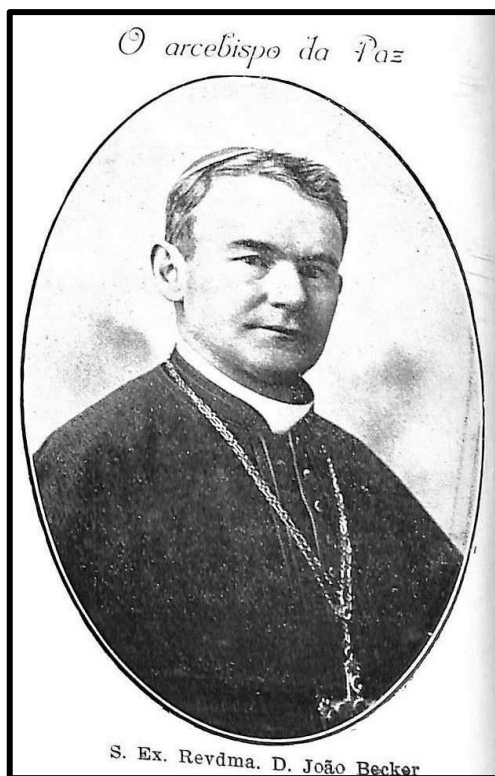
Porto Alegre — Aspecto da chegada do Ministro da Guerra, em 1.º de Novembro.
Vista tomada do torreão da Repartição dos Correio e Telegrapho.

O primeiro emissario federal



Dr. Tavares de Lyra

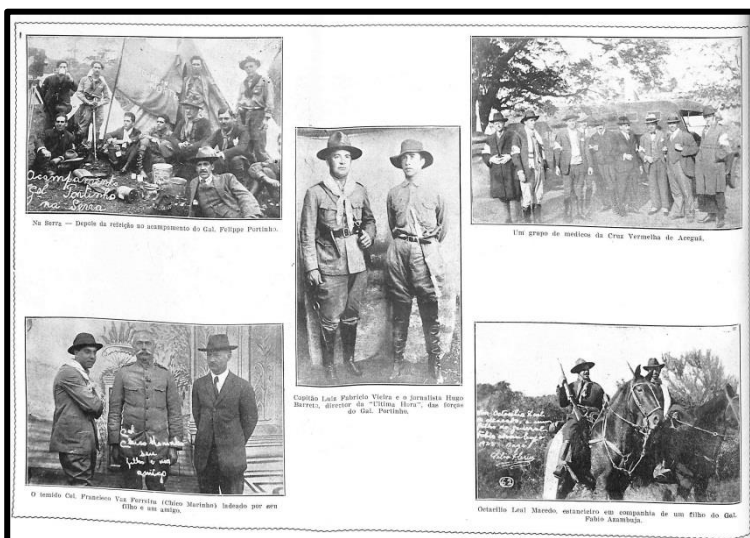
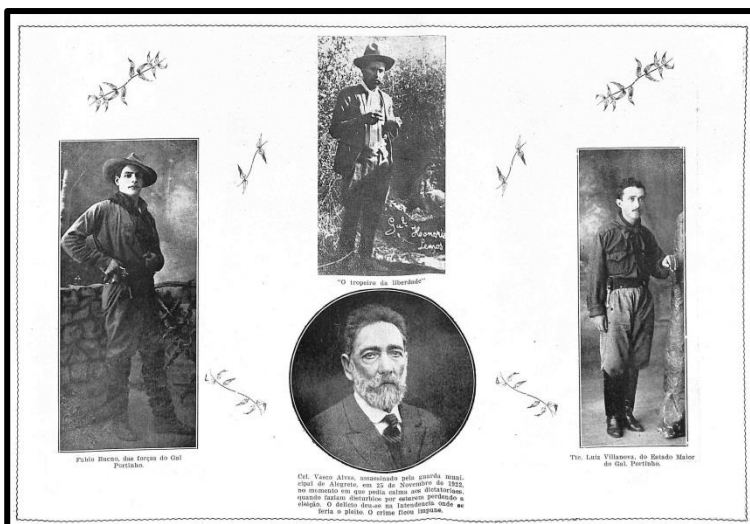
REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Os bandoleiros propriamente ditos tiveram protagonismo no *Álbum* sobre a Revolução de 1923. Foi o caso de dois militares pertencentes às forças do general Portinho, o “tropeiro da liberdade” e o coronel Vasco Alves, vítima da repressão governista. Em outros dois registros, eram alinhados “bandoleiros”, médicos e jornalistas. Outro conjunto fotográfico trazia lideranças rebeldes em trajes civis, militares posando em vestimenta de campanha e alguns “belos exemplares de

‘bandoleiros’”. Mais alguns comandantes militares apareciam no mesmo conjunto de uma banda de música marcial e alguns atiradores de linha. Comandantes rebeldes em pé, sentados e a cavalo eram apresentados junto de “três ‘bandoleiros’ filhos da heroica e valorosa cidade de Pelotas”. Além de vários integrantes de tropas revolucionárias foi divulgado um fac-símile de uma “carta patriótica”, na qual um soldado despedia-se da família para integrar as forças rebeldes. Uma ação militar dos insurgentes e dois revolucionários junto de suas montarias, um deles denominado de “intrépido coronel”, compunham outro registro. Forças postadas, entrincheiradas, em marcha, além de um “heroico e invencível esquadrão” integravam um outro conjunto fotográfico. Mais uma página era composta pela presença de um chefe revolucionário junto à população, sete rebeldes posando com suas armas e um major reconhecido como “um dos heróis” de diversos combates. Apareceu também uma página composta de cinco fotos contendo militares em roupas de campanha e civis, além de uma “tocante homenagem cívica das senhoras de D. Pedrito às forças do general Honório Lemes”.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Um grupo de "bandeirantes" das forças de Gen. Batais, desconhecido.



Gen. Roberto Assis Brasil



Uma visita ao acampamento de Gen. Batais



Dr. Hugo Nogueira e companheiros de expedição



Um grupo de médicos do hospital da Cruz Vermelha de Acre



Amaro Assis Brasil, Dr. Helio,
Guimaraes e Olyo Hunt

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS



Da esq. para a dir. Cel. Hygino Pereira, Cel. Manoel Dias, Cel. Luiz Gomes e Cel. Fidencio de Mello F."

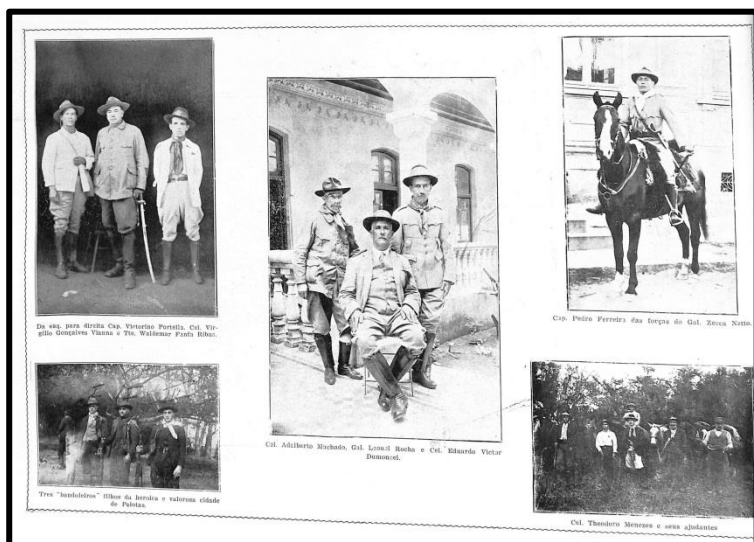


1) Cap. Ernesto Moraes, 2) Cap. Ramiro Moreira,
3) Cap. Ramiro Moraes, 4) Maj. Maurício Borges
5) Cap. Abetino Lemos, 6) Tte. Luiz Fabrício Vieira
e 7) Cel. Virgílio Rodrigues.



Bellos exemplares de "Bandeireros"
Das forças do General Honório Lemes.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS



Cap. Zezo Bittelski.



Esquadrão de Inspectores do Gal. Honorio Lemos.

Praça Alegre, 29 de setembro de 1923

Muito prezado e amigo, faço-lhe
responder as suas perguntas, per-
passando por suas mãos, cumprando
seus deveres, sem os menores
atrasos, porque, embora eu não
deixei as paragens da cidade, pela
liberdade do meu Rio Grande.

Muito boa!
Bem, é que se de facto o que
que que não se poderia se poderia
fazer, sempre me encaminhei
de um lado a liberdade.

Muito boa!
de de facto, o nome dos Marques
de Sousa.

Vou trabalhar pela liberdade do Rio
Grande.

de volta, refiro, apelo de de volta
para com o meu desejo de liberdade.

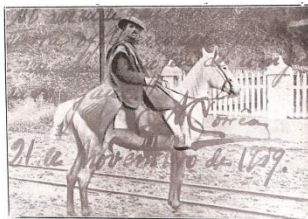
de fato, no campo de liberdade, sem
a glória de morrer pelo Rio Grande.

de fato, como que Marques de Sousa
sempre que me foi possível, sempre
fui possível.

Recordo-lhe de fato que me
poderá de por por algum período
e depois de mais que mais.

Zezo

Facsimile da carta patriótica do Cap. Zezo, quando
separa para as forças do Gal. Netto, despedido,
de sua família.



Dr. Adalberto Corrêa, o valente governador de Quaryhy.



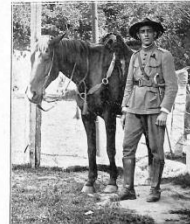
Grupo de oficiais das forças do Gal. Netto.



O Intendente Cel. Manoel Vitor das forças do Gal. Zezo Netto a futuro Intendente de S. João de Camargo apresentado pela capitulação.



A Intendência Municipal do S. João de Camargo dynamizada pelos revolucionários em 29-11-23.

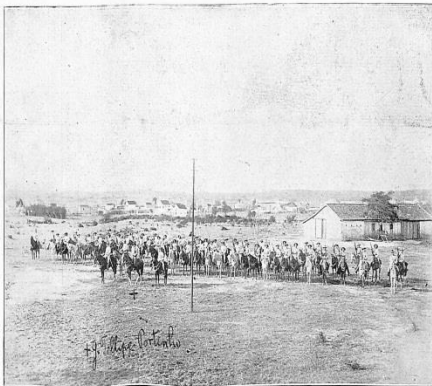


Méd. Dr. Ildefonso Ribeiro Lopes Filho
Rio de Gal. Zezo Netto.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Maj. Dorival Figueira Cruz das forças do Gal. Felipe Portinho
em M. Ramos



O herico e invencível esquadrão de cavalaria das forças do Gal. Portinho



A força do Maj. Dorival Figueira Cruz entretida



Em marcha

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS



Cap. Philippe Portinho, em Marcelino Ramos



1.º Hyppolito Cabeda — 2.º Francisco Cabeda Junior — 3.º Leovegildo Cabeda — 4.º Rafael Cabeda Sobrinho — 5.º Cel. Francisco Cabeda, (veterano de 83) — 6.º Angelo Cabeda — 7.º Bolívar Cabeda. Da esquerda para a direita.



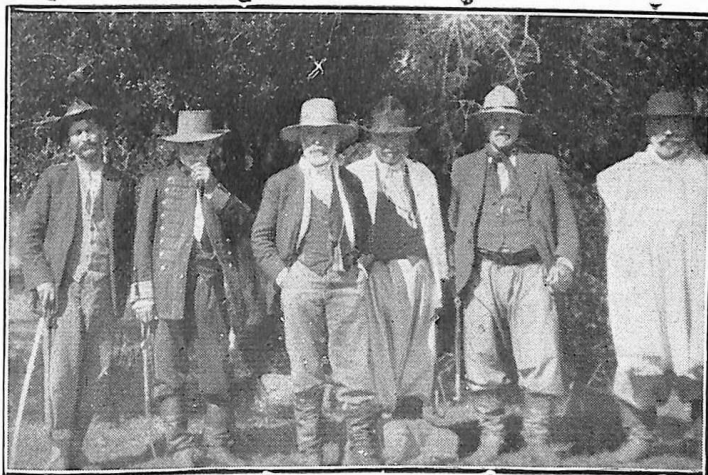
Major Francisco Victor Dumoncel — um dos heróis dos combates das Tesouras, Fazendinha e Sobrado.



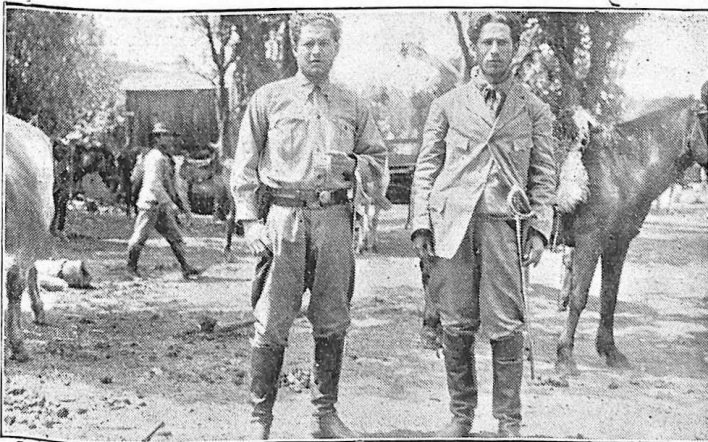
Os bandoleiros também figuram no *Álbum* em páginas compostas por registros diversificados. Nessas condições estiveram: “o ‘Condor dos Tapes’ e seu Estado Maior”; “dois belos exemplares dos nossos ‘bandoleiros’”; “um grupo de ‘bandoleiros’” chefiado pelo coronel Toribio Gomes; “um valente e convencido ‘bandoleiro’”; um “valente major”; um integrante das forças do general Honório; um capitão que comandava a força de Carlos Barbosa; um coronel apontado como “valente libertador assaltante de S. Sebastião do Caí e outras localidades”; um major que compunha as tropas do general Honório Lemes; um militar “doutor” que pertencia às forças do general Honório; o coronel Chico Marinho e alguns de seus oficiais; o trio de rebeldes José Antunes, Carlos Antunes e Otacílio Moraes; a viúva de um líder rebelde, “ladeada por seus seis filhos – honra

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

da nova geração gaúcha”; o “veterano de 93 Adão Latorre”, que recebera a pecha de um dos maiores degoladores na Revolução Federalista; um capitão das forças do general Estácio; duas fotos com a presença do coronel Jango Padre e seus comandados; um coronel já ancião, que pertencia às tropas do general Portinho; um grupo de oficiais do general Estácio; três “doutores” combatentes; dois coronéis e um “doutor” revolucionários; um “libertador” de poncho montado em seu cavalo branco; um “destemido capitão”; alguns “valerosos ‘bandoleiros’” em marcha; um comandante do esquadrão de lanceiros; um pequeno soldado, menor de quinze anos, apontado como “heroica ordenança do general Neto”; houve uma outra presença ainda mais jovem, descrito como uma “alma nova da raça”, ou ainda um “pequeno herói de treze anos de idade”, que atacou “as trincheiras dos ditatoriais”; “três ‘bandoleiros’ de valor”; um capitão das forças do general Netto; um tenente das tropas do general Estácio; em trajes civis, um coronel identificado como “um dos ‘bandoleiros’” que convidou o “eminente Dr. Assis Brasil para a campanha regeneradora”; um major, um estandarte e “um grupo de revolucionários das forças do general do general Honório Lemes”; um major das tropas do general Portinho; um conjunto de cinco fotografias com dois tenentes-coronéis e cinco coronéis; um coronel cercado de seus oficiais; um conjunto de três fotografias com um comandante da região de Lagoa Vermelha, uma força em marcha e alguns militares, “defronte à barraca churrasqueando”; e, por fim, a simbólica presença feminina, com algumas “graciosas ‘bandoleiras’ da elite de Uruguaiana”.

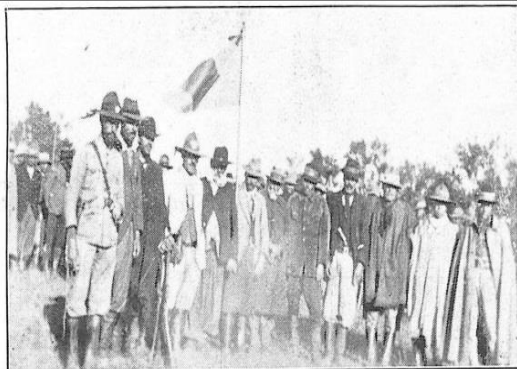


O "Condor dos Tapes" e seu Estado Maior. — Fardado o Cel. Christovão de Andrade



Dois bellos exemplares dos nossos "BANDOLEIROS"

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

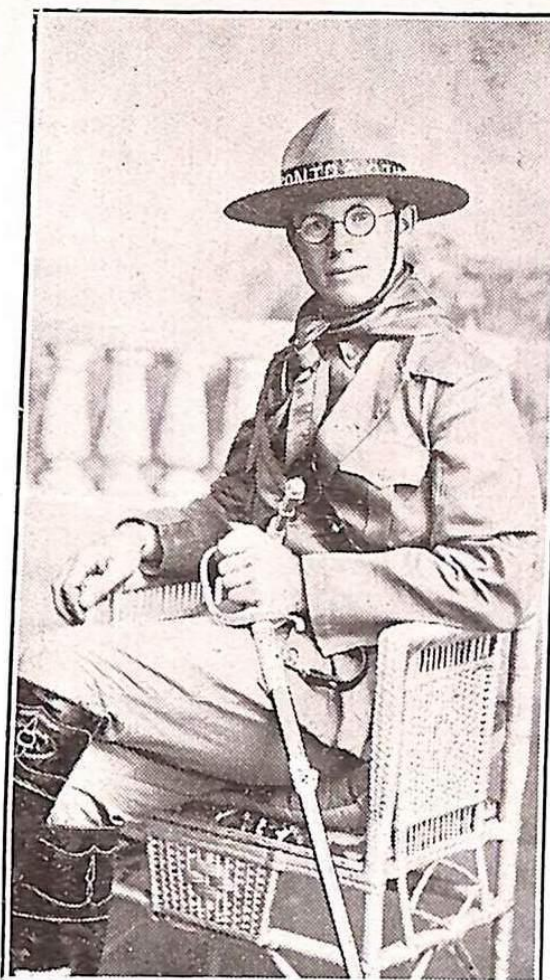


Em cima um grupo de "bandoleiros" das forças dos Coronéis Arnaldo Mello e Toribio Gomes. Em baixo: O Coronel Toribio Gomes com seus ajudantes.



Um valente e convencido "bandoleiro"
das forças do Gal. Netto.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



O valente Major Theo Kleumann, das
forças do Gal. Zeca Netto, ex-official
do Exército alemão.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Dr. Olive Leite, das forças do Gal.
Honório.

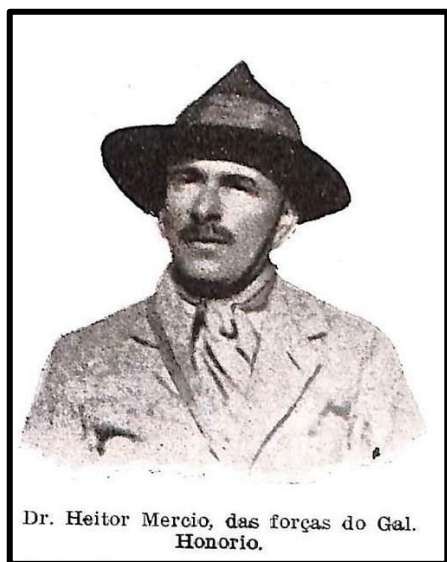
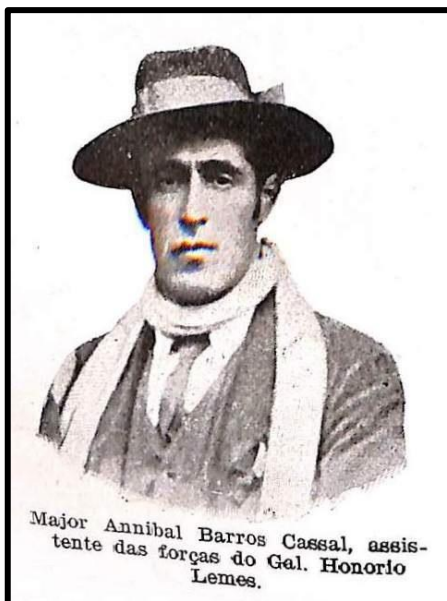


Cap. Arnaldo Grossmann, comman-
dante da força de Carlos Barbosa.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

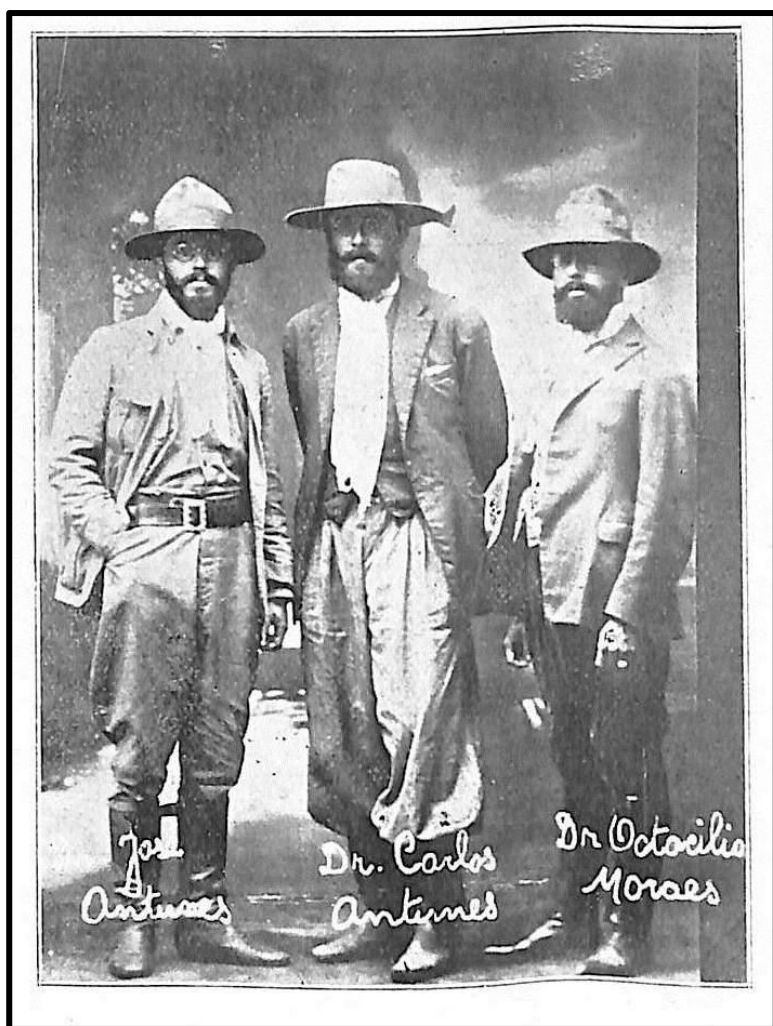


Cel. Hygino Pereira, valente liberta-
dor assaltante de S. Sebastião do Cahy
e outras localidades.



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

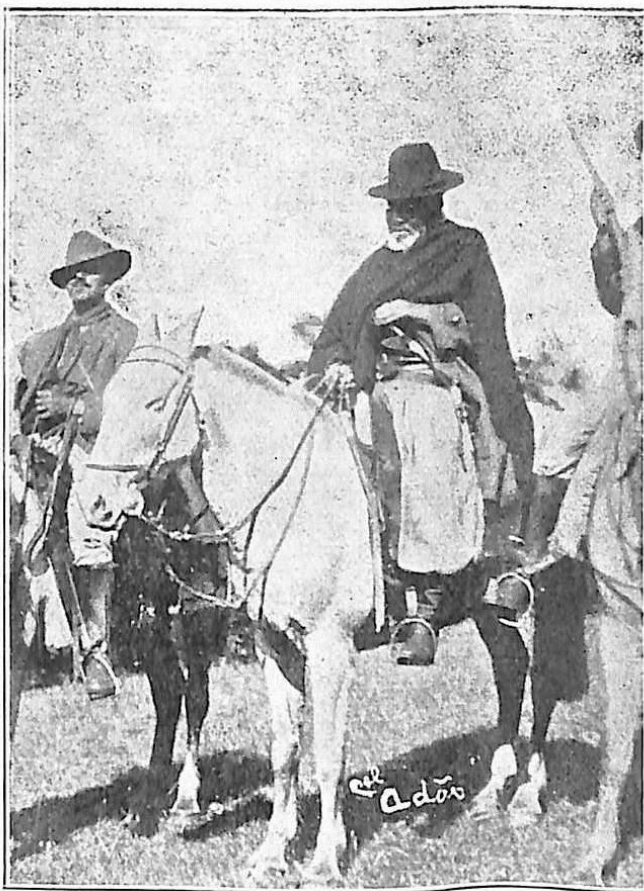




REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Exma. Vva. Cel. Vasco Alves, ladeada por seus seis filhos — honra da nova geração gaucha.

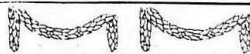


O veterano de 93 Cel. Adão Latorre, morto em combate
com 86 annos.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



O Cap. Romeu Barreto de
Bcrba, das forças do Gal.
Estacio.



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Grupo de officiaes das forças do Cel. Jango Padre.



Cel. Jango Padre, entrando na Coxilha Grande (Lagoa Vermelha).

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

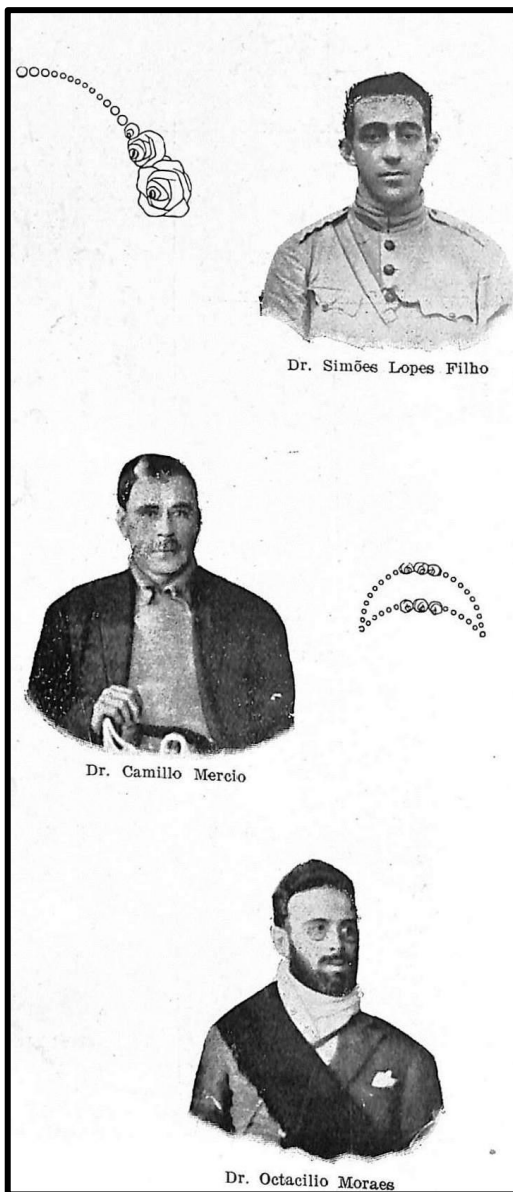


Coronel Antonio,
com 76 anos,
das forças do
General Portinho

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



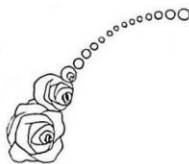
REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Cel. Toribio Gomes

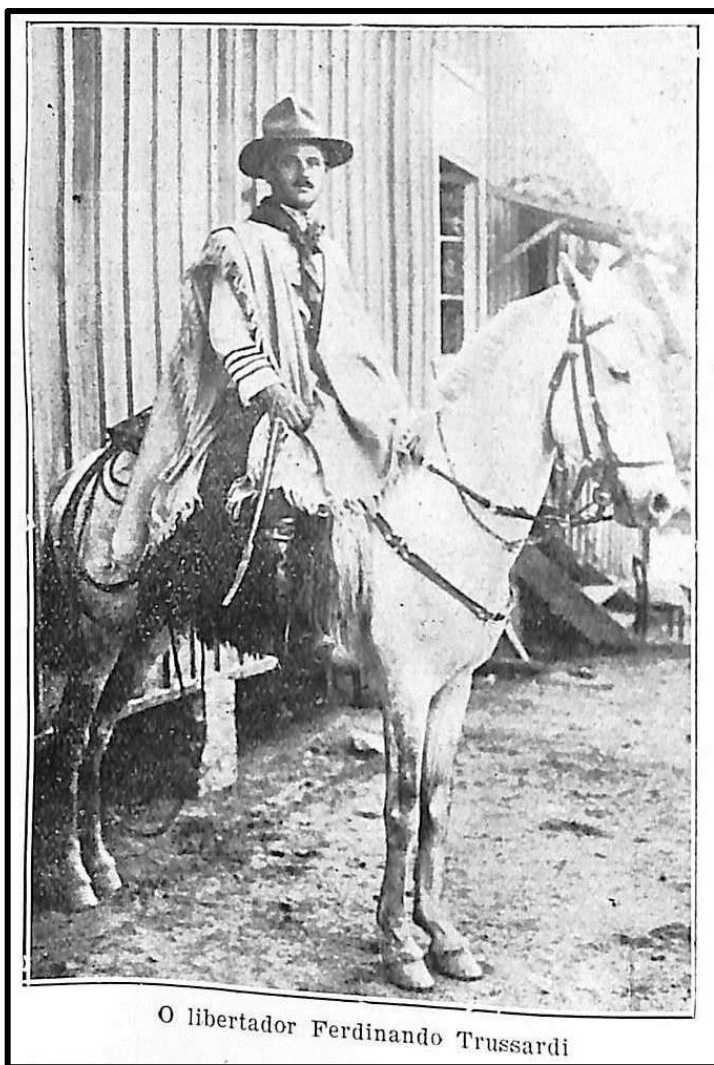


Cel. Boaventura Luiz



Dr. Dario Crespo

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



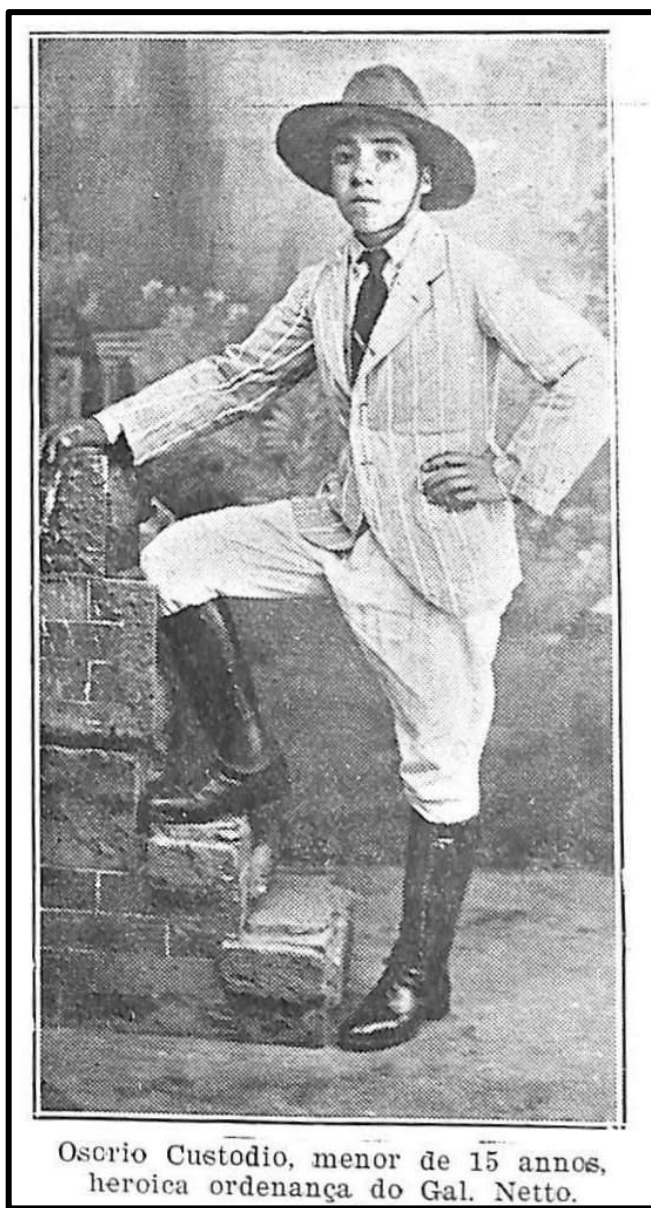
O libertador Ferdinando Trussardi



O destemido Cap. Pedro Arão

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS





REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Alma nova da raça — o pequeno herói, de 13 annos de idade, que tomou de assalto uma das trincheiras dos ditactoriaes, em Pelotas.



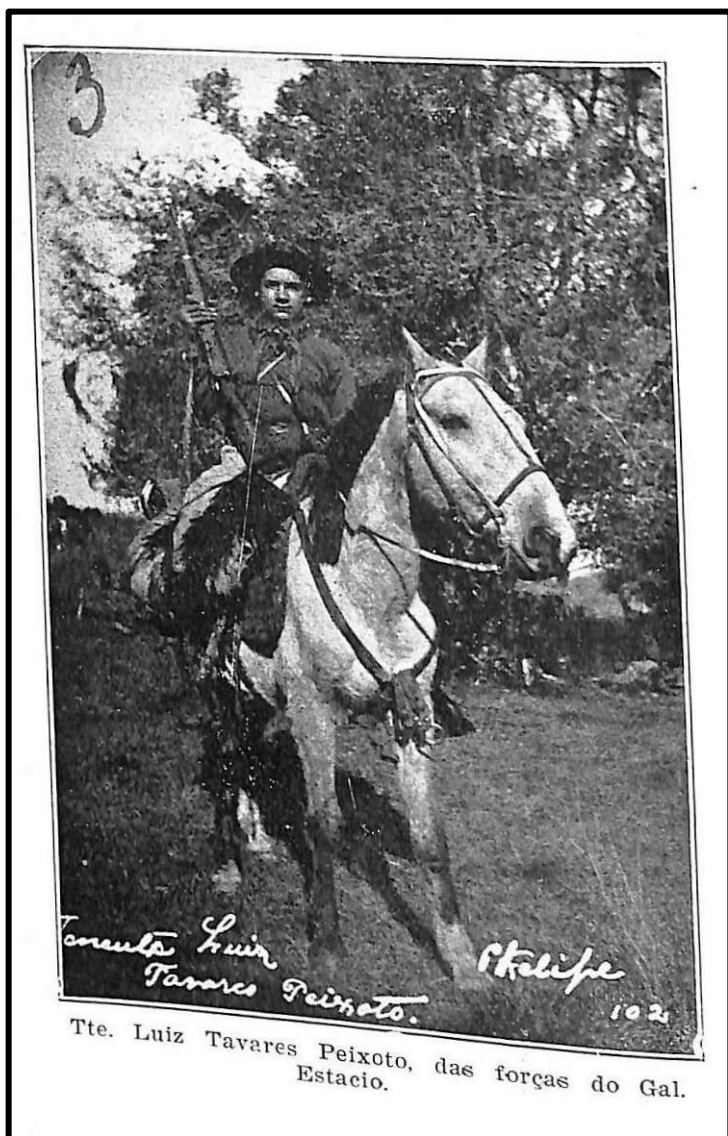
Tres "bandoleiros" de valor — David Barros Cassal, Amaro Assis Brasil e Vasco Alves Pereira.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Cap. Ezequiel Siqueira, das forças do Gal. Netto.





REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



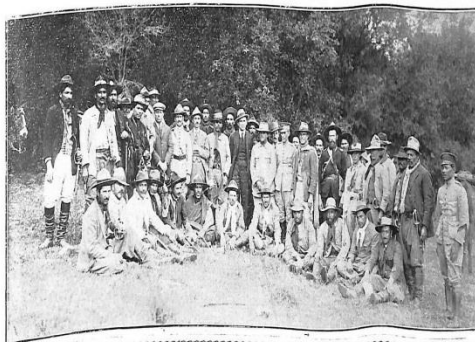
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Major Alvaro Alves Pereira



O Estandarte da invencível esquadra Vasco Alves completamente restituido e crivado de balas.



Um grupo de revolucionarios
das forças do General Honorio
Lemos.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

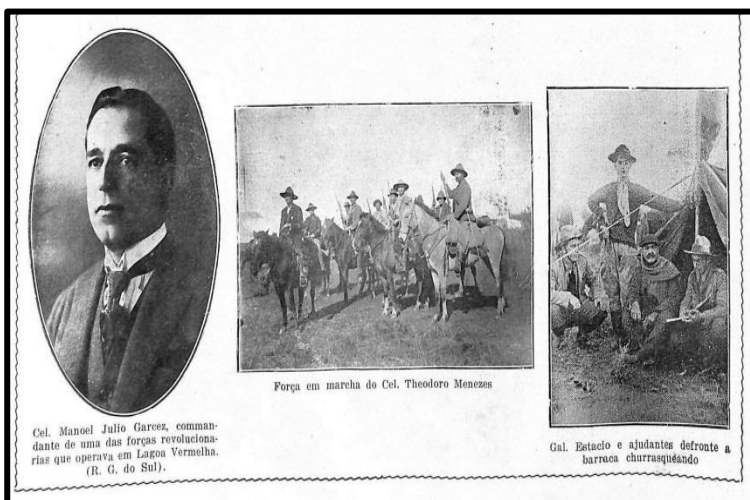


Major Rodolpho Ribeiro de Lemos F.º
das forças Gal. Portinho

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS



A maior parte dos “bandoleiros” foi representada por indivíduos que pegaram em armas e se bateram pelos rincões sul-rio-grandenses, mas o *Álbum* dedicou também atenção para alguns “bandoleiros” civis, tais como intelectuais que ajudaram a sustentar o movimento e mesmo profissionais liberais, empresários, funcionários públicos e parlamentares que prestaram algum tipo de apoio aos ideais revoltosos. Nesse quadro estiveram inseridos: o jurisconsulto Joaquim de Azevedo, apontado como “um dos esteios mais resistentes da causa libertadora”; o advogado Arnaldo Ferreira, designado na condição de “um dos ‘bandoleiros’ de reais serviços à causa da libertação”; o jurista Antônio Fernandes, descrito na qualidade de “abnegado baluarte do federalismo”; o comerciante Pompílio Ferreira, que tivera “a coragem cívica de levantar a voz contra a ditadura”; outro representante da área jurídica, José de Almeida, que foi denominado de “‘bandoleiro’ abnegado”; o dissidente republicano Fernando Abott, um das lideranças do movimento, foi registrado como “velho democrata”, em alusão à sua luta contra o modelo autoritário; o deputado federal Souza Filho, que teria se batido “na Câmara Federal pela causa libertadora”; o também advogado Ângelo Machado, descrito como militante “da velha estirpe”; o deputado federal Maciel Júnior, qualificado como “chefe político de grande prestígio na causa redentora de 1923”; o parlamentar Artur da Silva, definido como “deputado federalista”; o casal Alves Rolim, proprietários de hotel, colocado como “abnegado servidor da causa redentora”; mais um jurista, Rego Lins, denominado como “um dos campeões da libertação”; o político, docente e escritor Artur da Rocha, apontado na condição de “intemerato

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

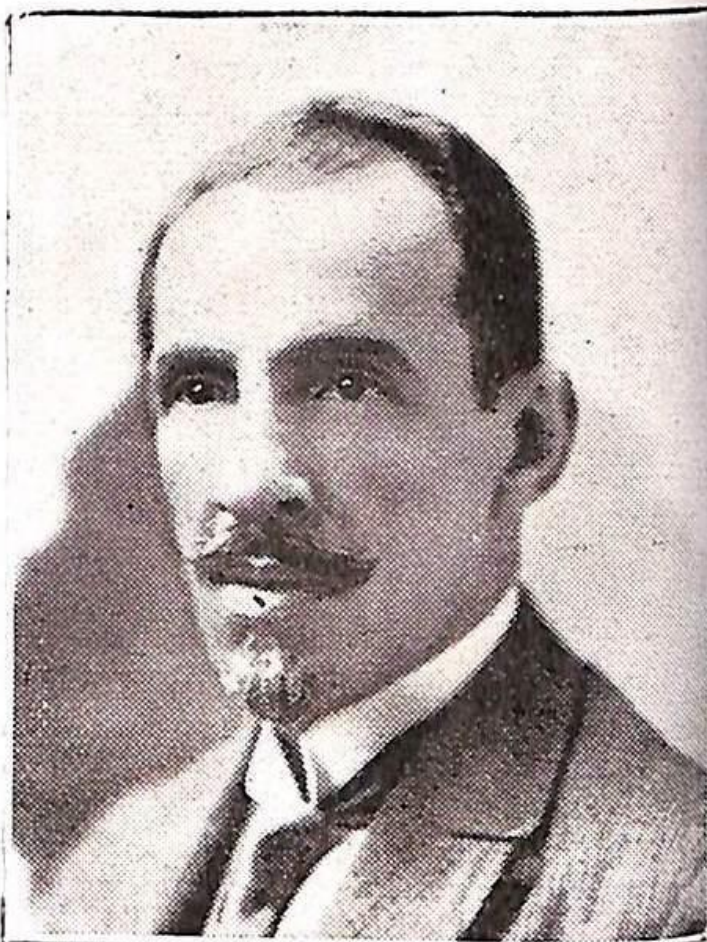
jornalista da redenção gaúcha”; o médico e parlamentar Alves Valença, considerado “uma das figuras de mais destaque na revolução”; e o professor Plínio Casado, mais um “baluarte dos ‘bandoleiros’”. Apareceram ainda em tal lista de homenagens os deputados Gaspar Saldanha e Antônio Monteiro e o senador Soares dos Santos, o juiz e Ministro do Supremo Tribunal Federal Godofredo Cunha, o juiz federal Luiz Chagas e o Procurador da República Fernando Maximiliano



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Dr. Arnaldo Ferreira, advogado de
escol e um dos "bandoleiros" de reaes
serviços a causa da libertação.



Dr. Antonio de Moraes Fernandes, o
abnegado baluarte do federalismo na
capital.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Snr. Pompilio Ferreira, do alto commercio desta
praça, que teve a coragem civica de levantar a
voz, contra a dictadura na Associação Commercial.

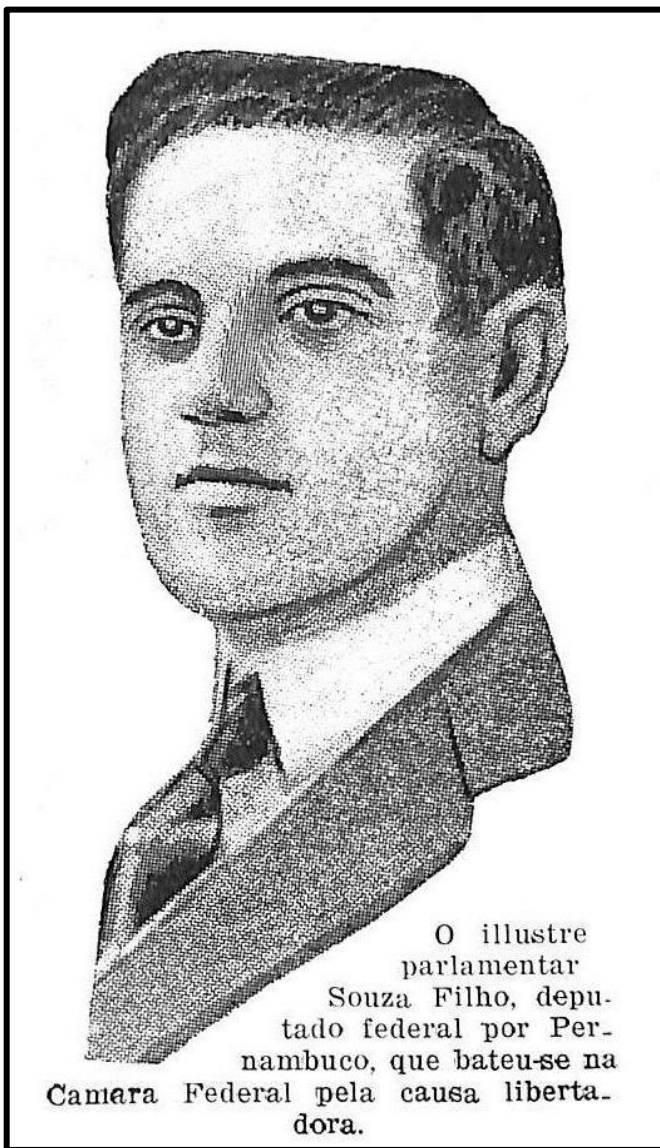


Dr. José Nicoll de Almeida, "bandoleiro"
abnegado.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Dr. Fernando Abbott, velho democrata, chefe
em S. Gabriel.



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

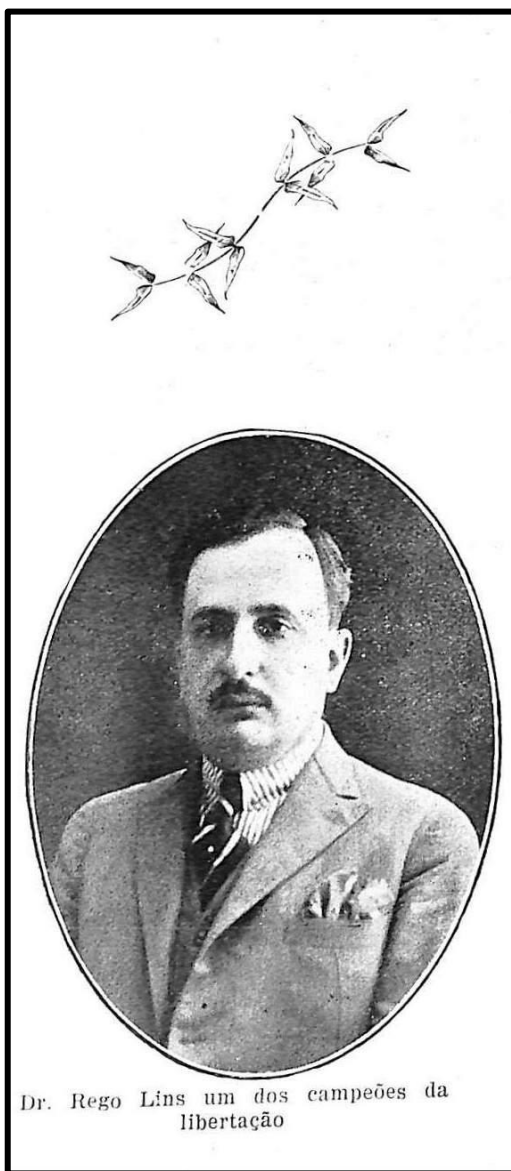




Dr. Maciel Junior, deputado federal, chefe politico de grande prestigio na causa redemptora de 1923.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS





Dr. Rego Lins um dos campeões da
libertação

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS

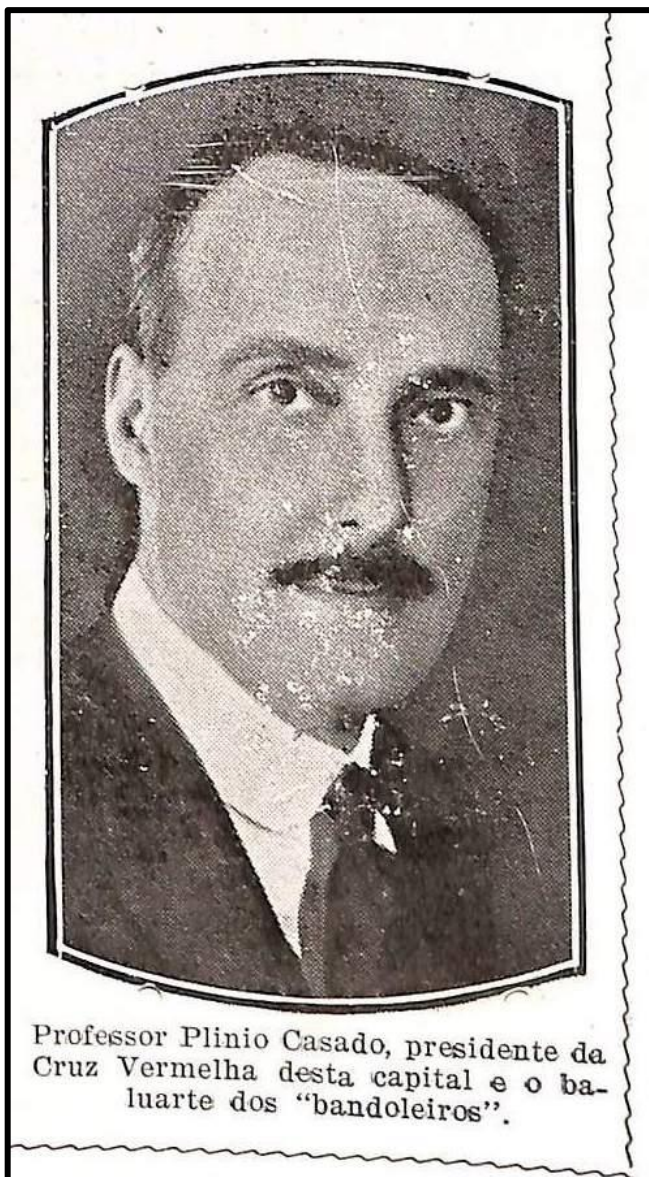


Professor Arthur Pinto da Rocha, insigne escriptor, intemerato jornalista da redempção gaucha.



Deputado Alves Valença, orador fluente, medico de nomeada e uma das figuras de mais destaque na revolução.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Professor Plinio Casado, presidente da
Cruz Vermelha desta capital e o ba-
luarte dos "bandoleiros".

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Deputado Gaspar Saldanha

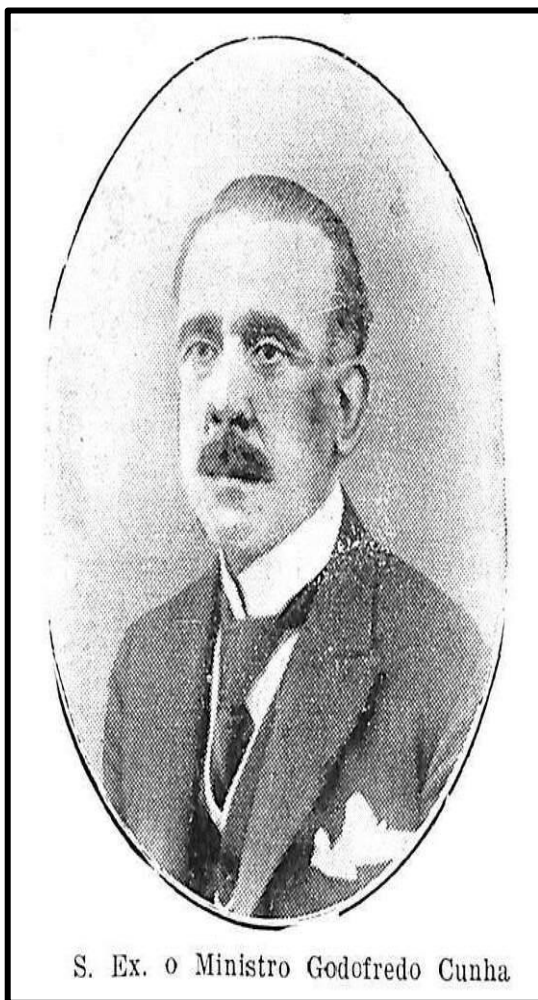


Deputado Antonio Monteiro

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Senador Soares dos Santos



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS





Dr. Fernando Maximiliano, Procura-
dor da Republica

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

Tantas faces, tantos nomes e tantas cenas constituíram um corpo imagético com um escopo muito bem definido no sentido de divulgar a ação dos revolucionários de 1923, buscando legitimar suas atitudes e suas formas de pensar, por meio do reconhecimento de seus retratos e, fundamentalmente, fixar tais personagens em meio à memória coletiva sul-rio-grandense. Tal processo advém da perspectiva pela qual as fotografias podem ser comparadas a imagens armazenadas na memória que, enquanto lembradas, constituem resíduos substituíveis de experiências contínuas, já que, em muitos casos, lembranças das fotografias substituem lembranças de pessoas ou acontecimentos, que são mutáveis, enquanto a fotografia fixa pode ser revista muitas vezes, de modo a permitir um constante revisitar de memórias construídas²⁸. Especificamente no caso do *Álbum dos bandoleiros*, tratava-se de imagens encomendadas, com o escopo de expressar por meio dos retratados sentimentos de ordem, respeito, patriotismo, heroísmo e consciência nacional e cidadã, refletidos em uma espécie de pedagogia pragmática do olhar²⁹. A ideia essencial era deixar um testemunho da luta da liberdade contra a tirania, de modo a justificar a justeza do movimento, tanto para os contemporâneos quanto para os pósteros, afinal os próprios organizadores da publicação garantiam que o objetivo primordial era o de deixar uma “demonstração documentada para história no futuro”.

²⁸ LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1993. p. 45.

²⁹ BORGES, Maria Eliza. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 29.

Imagens caricaturais da Revolução de 1923 na revista *O Malho*

O movimento rebelde gaúcho de 1923 constituiria mais um dos elementos constitutivos que contribuiu com o agitado período da formação histórica brasileira concernente à década de 1920. A retomada do desafio revolucionário como forma de enfrentamento do já longo modelo castilhistaborgista, colocava o extremo-sul do país em mais uma convulsão, chamando atenção para o Estado sulino novamente envolvido em uma guerra civil. Nesse sentido, a imprensa brasileira, de acordo com os limites que lhe era imposto, buscou repercutir os acontecimentos do contexto sul-riograndense, trazendo informações/opiniões acerca da agitação política e da movimentação bélica.

O jornalismo do Rio de Janeiro dedicou especial atenção em relação aos fatos no Rio Grande do Sul, dedicando considerável cobertura aos mesmos. A condição de capital federal e de verdadeira caixa de ressonância sociocultural do país fazia com que a imprensa carioca buscasse de certo modo centralizar os informes do que ocorria no Brasil como um todo de maneira que, apesar do maior enfoque estar concentrado no centro do país, até mesmo as regiões mais longínquas constituíam também pautas para o periodismo, ainda mais no caso do espocar de um enfrentamento bélico.

Nesse quadro esteve *O Malho*, uma das mais importantes revistas ilustradas do Brasil da época. Editado no Rio de Janeiro, o periódico circulou entre 1902 e 1953 e seu título indicava a intenção de “malhar” a sociedade, denunciando suas mazelas, vindo a criticá-la, censurá-la, escarnecê-la, zombá-la e fazer troça para com ela. Buscou desde cedo tornar-se uma edição profundamente popular³⁰ vindo a ser uma das mais prestigiosas revistas de crítica³¹, com sua distribuição não se restringindo ao âmbito carioca, mas se espalhando por grande parte do país. Sua meta era a de levar ao homem da rua o espetáculo dos figurões, proclamando em alto e bom som o que o povo imaginava de fato que fosse o pensamento de cada um dos fantoches do imenso palco da politicagem nacional³².

Seu foco era centrado na capital brasileira, uma vez que o Rio de Janeiro constituía o maior exemplo da modernidade nacional, síntese daquilo que seria o país em dia com o mundo³³, sem que deixasse de abordar temáticas atinentes a outros lugares do Brasil. Em seu frontispício se dizia um semanário humorístico, artístico e literário, destacando que igualmente se dedicaria à política e a assuntos diversos. Ao apresentar-se,

³⁰ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

³¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

³² LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

³³ SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

figurativamente dizia que sustentaria a missão de utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, enfatizando, com ironia, que manteria a “tranquila consciência”, visando a concorrer “eficazmente para o melhoramento” da “raça humana”. Almejava também contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e, novamente em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalar” de “sons alegres” nas bigornas³⁴. No ano de 1923, ao completar mais um aniversário, a revista dizia que naquela data ficavam demarcados “vinte e dois anos de luta”, no qual ela continuava “a malhar”, mas “nem sempre em ferro frio”³⁵.

Como revista ilustrada, *O Malho* tinha na cobertura fotográfica um de seus destaques, assim como a expressão de seu espírito crítico em grande parte se dava por meio da arte caricatural. Tendo em vista as agitações políticas e rebeldes que se desencadearam no Brasil a partir de 1922, as autoridades governamentais passaram a adotar medidas extremamente restritivas em relação à liberdade de expressão, de modo que, em 1923, o jornalismo passava por uma época de censura e coerção para com suas atividades. Tais restrições atingiam a imprensa como um todo, mas no caso de *O Malho* e seu veio crítico e satírico-humorístico, essas limitações eram ainda mais sentidas. Levando em conta tal ambiente coercitivo, ao tratar da Revolução de 1923, o semanário carioca se viu na premência de dar preferência à cobertura realizada predominantemente

³⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902.

³⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1923.

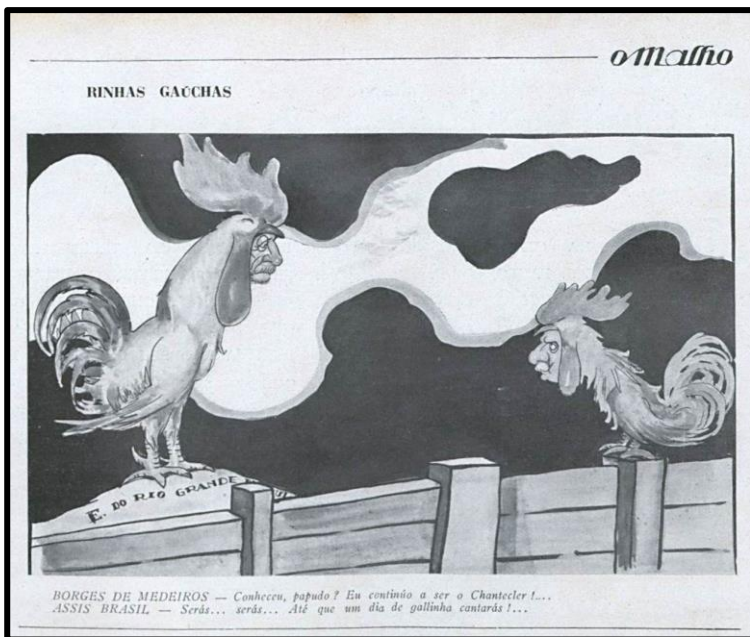
por meio do fotojornalismo³⁶. Nessa linha, as caricaturas publicadas a respeito da guerra civil sulina não foram em grande número e, ainda que mais suavizadas por causa do contexto de então, não deixaram de trazer a malhação por parte do periódico.

A primeira expressão caricatural sobre o movimento rebelde gaúcho foi realizada por meio de uma transmutação zoomórfica das duas principais lideranças que se enfrentavam no Rio Grande, com a transformação de Borges de Medeiros e Assis Brasil em dois galos, que se enfrentavam nas “rinhas gaúchas”. Enquanto Medeiros, em posição predominante, controlava o Estado sob seus esporões, Assis Brasil avançava sorrateiramente por sobre a cerca, em um quadro no qual o primeiro pretendia demonstrar que permanecia como o mais poderoso na conjuntura sulina, ao passo que o outro colocava tal predomínio em dúvida³⁷.

³⁶ A respeito desta cobertura com base na fotorreportagem de parte de *O Malho*, ver o número 105 desta Coleção.

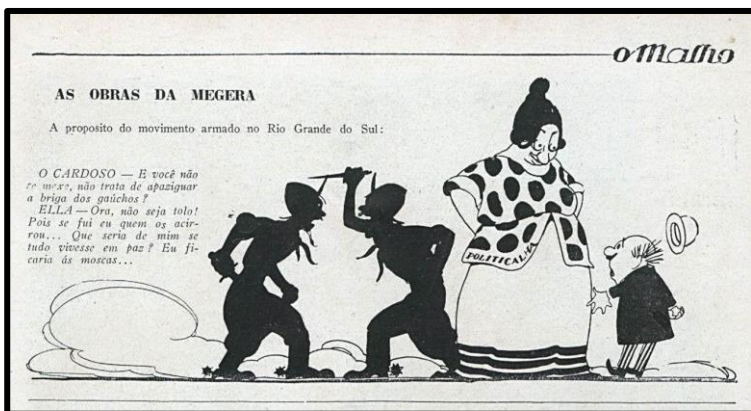
³⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 fev. 1923.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923:
REGISTROS IMAGÉTICOS



Na época, *O Malho* utilizava-se da figura do “Cardoso”, um baixinho, careca e de bigode, que servia para representar o povo em geral. Tal personagem se mostrava surpreso ao encarar de frente uma figura feminina que representava a “politicalha”, a qual era considerada como a causadora “do movimento armado no Rio Grande do Sul”, de modo que os confrontos bélicos eram considerados como “obras da megera”, em referência à própria política. Ao fundo apareciam as silhuetas de dois indivíduos vestidos à gaúcha, que se digladiavam utilizando-se de punhais. Enquanto o “Cardoso” questionava a mulher se ela não iria tomar providências para “apaziguar a briga dos gaúchos”, sua

interlocutora respondia que ele não deveria ser “tolo”, pois fora ela que acirrara o conflito, uma vez que não conseguiria conviver com a paz³⁸.



Após essas inserções caricaturais da época dos primórdios da Revolução de 1923, de acordo com as contingências repressivas de então, *O Malho* passou mais de um semestre sem publicar caricaturas acerca do movimento, optando pela fotorreportagem para tal cobertura. A nova incursão ao assunto ocorreu a partir de “escaramuças” que estouravam no outro Rio Grande, o do Norte, de modo que, sob o título “Entre fogos!”, aparecia um “Cardoso” desenxabido e pensativo, em meio a dois personagens que representavam os dois “Rio Grande”, o do Sul e o do Norte, empunhando espingardas, refletindo que as ações dos contendores em “nada” estariam a servir para o país³⁹.

³⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 fev. 1923.

³⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 set. 1923.

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS



Em “O caso do Rio Grande”, o tema era a intervenção federal no Rio Grande do Sul, uma das mais importantes reivindicações das oposições gaúchas no combate ao modelo castilhistaborgista, referindo-se ao senador rio-grandense-do-sul Luís Soares dos Santos que havia requerido tal intervencionismo, vindo a despertar a ira das forças governistas sulinas. No parlamento, o “Cardoso”, tendo o próprio Borges de Medeiros às suas costas, dizia não cogitar da ideia de ser senador, pois tal cargo político-partidário teria a obrigação de sujeitar-se a todo tipo de “pedido extravagante”⁴⁰.

⁴⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 out. 1923.



Outra caricatura acerca dos acontecimentos no contexto gaúcho deu-se na capa de *O Malho*, na qual o próprio "Cardoso" encontrava-se vestido à gaúcha, olhando com admiração para o emissário do governo federal, general Setembrino de Carvalho, que, tal qual um professor, com giz à mão, escrevera no quadro negro uma mensagem para os sul-rio-grandenses que se batiam em armas, aparecendo a escritura "Os ódios

REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

partidários dividiram a grande alma do Rio Grande do Sul”. O quadro era complementado pela presença de Borges de Medeiros, bastante carrancudo, insatisfeito com os rumos do processo de pacificação. Junto do entusiasmo do “Cardoso” para com a ação do “pacificador”, vindo a proferir frase que ironicamente parecia discordar do mesmo, o apoio ao militar dava-se também a partir do tamanho pelo qual ele era representado, bem maior do que os demais personagens do desenho⁴¹.

⁴¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 27 out. 1923.



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS

Ao final de 1923, a pacificação do Rio Grande do Sul foi representada por *O Malho* a partir da arte caricatural. Na capa, aparecia um Borges de Medeiros alado, com o termo “pax” escrito aos seus pés. O político gaúcho contava com a companhia do “Cardoso”, que, ao se referir ao “caso do Rio Grande”, comentava jocosa e ironicamente que o processo de pacificação da maneira que fora realizado, com a permanência do governante rio-grandense no poder, teria sido o “melhor”, uma vez que, no lugar “de darem asas ao ‘Brasil’”, haviam as dado ao próprio Borges. Na mesma edição, levando em conta a virada do ano de 1923 para o seguinte, com a tradicional representação do ano velho se despendido, aparecia caricatura na qual a personalização de 1923 carregava o saco dos acontecimentos passados naquele ano e conversava com um indivíduo vestido à gaúcha, com a cuia e a bomba de mate na mão direita e a pomba da paz na esquerda. Entre os dois personagens, o que se expressava era o “ano velho”, segundo o qual estaria “tudo arranjado”, pois estaria a reinar a paz, e os parlamentares sul-rio-grandenses governistas continuavam a frequentar o palácio presidencial no Rio de Janeiro⁴².

⁴² O MALHO. Rio de Janeiro, 29 dez. 1923.



REVOLUÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE 1923: REGISTROS IMAGÉTICOS



Nesse contexto, as representações caricaturais expressas por meio de *O Malho* tiveram de enfrentar os reveses e as limitações impostas pela legislação de imprensa vigente e pelas atitudes coercitivas governamentais colocadas em prática com a justificativa da agitação que tomava conta do país. A partir de tal ambiente repressivo, o tom crítico da revista ilustrada teve de ser atenuado, de modo que a abordagem de uma guerra civil travada em pleno território nacional teve de circunscrever a uma série de restrições. Daí a opção por tratar da Revolução Rio-Grandense de 1923 predominantemente por meio do fotojornalismo, ficando a arte caricatural menoscabada. As poucas caricaturas publicadas ao longo de 1923 restringiram-se a trazer uma perspectiva condenatória ao enfrentamento bélico, promovendo a ideia da conciliação e aplaudindo a concretização do projeto de pacificação.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025

